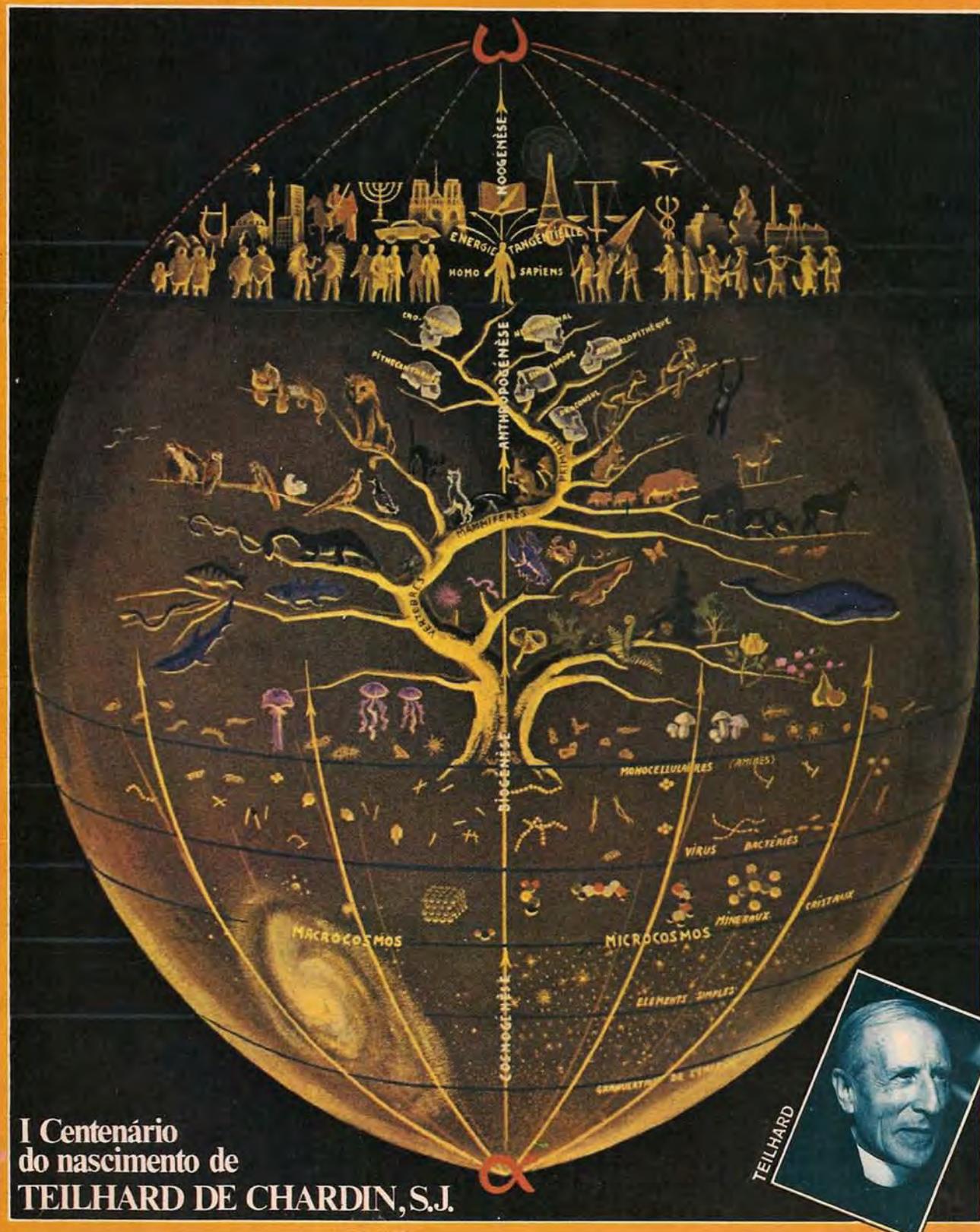


THOT



Nº24 1981 Cr\$120,00



I Centenário
do nascimento de
TEILHARD DE CHARDIN, S.J.

Associação PALAS ATHENA do Brasil



● SÃO PAULO: Rua Leôncio de Carvalho, 99 — 04003 — Paraíso — SP —
Telefone: 288-7356

● SANTOS: Rua Oswaldo Cruz, 475 — 11.100 — Boqueirão — SP —
Telefone: 31-2271

● PORTO ALEGRE: Rua Visconde do Rio Branco, 835 — 90.000 — Floresta — RS

● BELO HORIZONTE: Rua Joaquim Murtinho, 179 — 30.000 — Santo Antônio — MG

● MONTEIRO LOBATO: Centro Pedagógico “Casa dos Pandavas” — Km 4 da
estrada de Campos do Jordão — 12.250 - Bairro do Souza — SP

● CENTRO EDITOR: Rua Dona Ana Nery, 846 — 01522 — Cambuci — São Paulo — SP

● RIO DE JANEIRO: Rua Barão de Mesquita, 712-A — 20.540 — Andaraí — RJ



THOT

Nº 24 - 1991

Associação PALAS ATHENA do Brasil

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde passarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

Nossa capa: Uma sugestão visual esquemática e convencional do universo teillardiano, divergindo a partir do Alfa inicial, representam-se o domínio cósmico, a estrutura física do universo e o lugar do mineral. (Rastreado a Evolução na Arvore da Vida, encontramos o feixe vegetal, a florescência animal com o mundo dos invertebrados e depois dos vertebrados, em que distinguimos os peixes, os anfíbios, os répteis e o ramo dos mamíferos, donde brota o ramo dos primatas no qual se dá a explosão psíquica). O plano horizontal no alto do desenho procura sugerir a divergência sociológica e a convergência psíquica das pessoas na ascensão para Ômega.



Associação PALAS ATHENA centro de estudos filosóficos

(sucessora da Nova Acrópole)

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basilio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

DIRETOR RESPONSÁVEL

Primo Augusto Gerbelli

CHEFE DE REDAÇÃO

Zildo Trajano de Lucena

PRODUÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Equipe Thot

CORRESPONDÊNCIA

Secretaria de Editoriais

CORRESPONDENTES

Santos (SP): Elba Lúcia Novello

Monteiro Lobato (SP): Mara Novello

Porto Alegre (RS): Miguelângelo Gragnani -

Maria Estela Lucas

Belo Horizonte (MG): David Cohen - Lucy

Blumental

Rio de Janeiro (RJ): Zildo Trajano de Lucena

FOTOLITO CAPA

Polycrom

COMPOSIÇÃO

Caminho Editorial Ltda.

IMPRESSÃO

Centro Editor de Palas Athena

ÍNDICE

<i>Editorial</i>	3
<i>O anel dos Nibelungos</i>	4
<i>O Mundo Divinizado</i>	8
<i>A ciência médica no Antigo Egito</i>	14
<i>Assim Deus falou aos homens</i>	17
<i>Aristocracia e Democracia</i>	23
<i>O reino da alegria está em ti</i>	26
<i>Os quadrados mágicos</i>	28
<i>Conhecimento e aprendizado</i>	30
<i>História: Política Experimental</i>	33
<i>Página dos leitores</i>	35
<i>Humor</i>	36

Não publicamos matérias redacionais pagas/ Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço que consta na capa (atual)/ Assinatura anual: Cr\$ 720,00 — cheque em nome da Associação Palas Athena do Brasil; rua Leôncio de Carvalho, 99 — 04003 — Paraíso — São Paulo, SP — Telefone: 288-7356/ A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores/ Matrícula nº 2.406/ Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob nº 1.586 P 209/73.

O HOMEM NECESSITOU E NECESSITARÁ SEMPRE DEIXAR MARCAS SIGNIFICATIVAS NA HISTÓRIA

Ontem: o homem nas cavernas



Hoje: o homem na Lua



*Esta revista representa uma síntese de nosso
esforço em deixar marcas. Com ela, queremos
afirmar a necessidade cada vez maior de
respeitar e confiar no Homem de todos os tempos.*
Revista THOT

Há os que acreditam — Aos que acreditam . . .

Querido leitor: este número da THOT (24) marca dignamente mais um aniversário de lutas e sucessos por nossa publicação. Ininterruptamente e a partir do sonho de um pequeno grupo de idealistas, investimos no Homem “de todos os tempos” mantendo uma revista cultural como opção para aqueles que, apesar de comprometidos com uma angustiante situação histórica, acreditam no “dia” que sucede a “noite”.

Felicitemo-nos pelo fato de que durante os 365 dias do ano estivemos em nossos postos fiéis ao que consideramos digno e justo. Felicitemos também a nossos leitores que de todos os cantos da pátria brasileira escreveram, exigindo de nós cada vez mais.

Congratulamo-nos, enfim, porque THOT como uma exótica flor na aridez enervante dos lugares comuns, continua a oferecer seu perfume, que lembra aos Caminhantes da Vida, uma Pátria Celeste em que os homens simbolizam suas aspirações e anseios de eternidade.

Numa antiquíssima lenda conta-se que os seres humanos assemelham-se a cubos de pedra rústica. A Vida, Mestra de todas as experiências, como um genial artista, golpeia incessantemente burilando as asperezas da pétrea natureza, para que surja a estátua perfeita impregnada de vontade, de símbolos e de Ser.

THOT na sua vocação pedagógica, acorde a seus princípios, aspira ser um instrumento desse Destino para burilar as imperfeições que ocultam o Homem eterno ante o qual as ondas da História arrebetam em branca espuma . . .

O Anel de Nibelungo, de Wagner



A Valquíria

Aparece uma cabana construída no tronco de um vigoroso fresno, o Fresno da Vida, a Árvore do Mundo, cujas raízes proeminentes saem do solo enquanto que sua copa perde-se no infinito. Cravada no tronco, até a bainha, destaca-se uma espada, a Espada do Conhecimento Intuitivo. À direita, dentro da cabana, arde a lareira e à esquerda vê-se a escadinha de uma habitação interior. Sigmundo, ou Sigismundo, o filho de Wotan e de Erda, abre violentamente a porta, penetra na cabana e, vencido por aquele supremo esforço, cai junto ao fogo da lareira. Anoitece. A desordem nas vestimentas do guerreiro revela que vem, depois de um combate e de uma fuga, através do bosque. Siglinda, com uma tocha na mão, chega e o vê deitado, sobre um monte de peles, acreditando primeiramente que é seu marido Hunding de regresso de suas caças. Surpresa, fala com o desconhecido e dá-lhe de beber algo que o faz voltar de seu desmaio.

— *Meus membros estão solidamente unidos, diz o guerreiro, recordando aquele símbolo dos despedaçados membros de Baco, Osíris e tantos outros da lenda universal. Não sei quem sou; quisera sabê-lo; a tempestade e a desgraça me jogaram no bosque tenebroso, na selva misteriosa e cruel da vida, cujo caminho ignoro. Para onde eu vou, acompanha-me a desgraça e o sofrimento. Wehwalt, "o que se agita na dor" foi o triste nome que adotei. Poderia, entretanto, chamar-me Friedmundo, o boca de paz, antítese do nome Sigmundo que levo; porém, apesar de minhas dores eternas, eu sou Frohwalt, o que se agita na pura voluptuosidade dos deuses. Sou, enfim, o filho do Lobo, o Welsungo, o protótipo da força e da independência rebelde, aquele que desde a origem dos tempos foi consagrado ao grande Welsungo Odin, ou Wotan, o Soberano do Walhalla, quando quis viver independente e livre. Os Neidingen, "os filhos do cão" que sempre adulam, os filhos da Inveja, por fim, vendo que o Lobo era meu pai, incendiaram nossa cova, podaram o carvalho que nos servia de lar, mataram minha mãe, roubaram minha família e me separaram de meu pai quando caçava com*

ele. Proscritos e perseguidos por onde vamos, temos vivido fugindo e separados no bosque tenebroso durante longos anos, sob as eternas notas do triste motivo do Welsungo, somos incapazes de inspirar em ninguém o divino sentimento de Compaixão e de Amor...

Antes de terminar esta frase havia chegado Hunding, o brutal caçador, filho do cão vil e marido à força da raptada Siglinda, aquela irmã de Sigmundo, cuja perda chorava e que, como ele, havia caído nas mãos dos cruéis inimigos de sua raça.

— *A Norna, que a ti deu tal destino ao nasceres, pouco te amava. O homem que hoje te alojias não pode saudar-te alegre, diz o cruel Hunding a Sigmundo. Conheço tua raça feroz, para ela nada há de sagrado. Odiada por todos, eu também a odeio. Por esta noite respeitarei as sagradas leis da hospitalidade; porém, amanhã, ao apontar-se o dia te atacarei, vingando com teu sangue o sangue vertido pelos meus...*

Siglinda prepara para seu marido uma porção narcotizante, e, quando saem para o quarto volta-se para Sigmundo fixando um olhar de paixão, com o qual pretende também dar a entender que se fixe na espada do conhecimento intuitivo, que há muito está cravada na Árvore da Vida, ali colocada pelo hercúleo Wotan quando, disfarçado de viajante, se apresentou no dia do forçado casamento de Siglinda. Sigmundo fica triste e só naquelas crescentes trevas da cabana inimiga.

— *Estou sem armas, em casa inimiga! — murmura o herói. Meu pai, o grande Welso (sobrenome do Lobo ou de Wotan) me prometeu que, quando me atacasse a suprema angústia, encontraria uma espada... O amor mais invencível me domina! Welso, Welso, onde está tua espada?*

Pronunciadas estas palavras, o fogo, como que respondendo aos seus clamores, faz brilhar a poderosa arma. Enquanto isso, Siglinda aparece cautelosa e lhe dá a entender por sinais que se ponha a salvo ou que tente arrancar a espada para salvá-la deste cruel destino. Ao mesmo tempo conta ao herói, entre frases de recíproco e santo

amor, como um estrangeiro deixou cravada aquela espada, sem que ninguém houvesse conseguido retirá-la. O amor entre eles já floresceu. Sigmundo consegue sem esforços retirar a espada. Lançam-se um nos braços do outro, e misteriosamente aparece a fada Primavera, que bendiz a união e os arrasta enlaçados para o bosque, sob os raios da lua cheia, melancólica protetora de todos quanto se amam... Reconhecem-se não como irmãos de sangue, mas como irmãos infelizes do espírito, aquele espírito rebelde e gigante de Welso.

Wotan, armado de todas as armas, aparece entre as abruptas montanhas no segundo ato das Valquírias. À sua frente, galopando pelos ares, a valquíria Brunhilda, a principal e mais amada daquelas terríveis guerreiras filhas de Wotan e de Erda.

As valquírias eram as filhas dos mais ardorosos desejos de Wotan, encarregadas de despertar o heroísmo no peito dos homens, tornando-os dignos de morrer em combate e, assim, ser levados até o Walhalla em lugar de ver-se submergidos na Hella, a mansão das sombras, ou limbo da vaidade, onde vão parar os mortais vulgares. Esta Hella é, nas lendas nórdicas, o frio inverno, a mansão obscura, mas não o inferno da mentalidade católica-romana. Simplesmente um lugar inferior ou mundo da vulgaridade, onde ficam aqueles que não se destacaram em suas vidas por nenhuma ação heróica nem altruísta, bem distinto do que era o Walhalla (Campos Elíseis dos gregos), onde eram carregadas em triunfo, pelas valquírias guerreiras, as almas dos heróis mortos nos campos de batalha de uma vida de abnegação e de sacrifícios, para ali ser transformados em esplêndidas aves e vistosas borboletas. A Hella, enfim, faz parte dos Sapta-loka, ou Sete Lugares inferiores de Ilusão, um dos quais, o mais inferior, infernal por certo, era a nossa Terra para os indostãos.

O pai Wotan ordena à sua valquíria Brunhilda que baixe para proteger Sigmundo, o Welsungo, na luta que travará com Hunding, e ela, alegre, parte rapidamente pelos ares, lançando seu grito de guerra costumeiro. Subitamente a alegria da valquíria é interrompida, e, aterrada, se detém um momento vendo a chegada de Fricka, a inexorável esposa do deus, protetora de toda a vulgaridade hipócrita e de todos os homens que se conformam com a defeituosíssima Ordem estabelecida, essa Ordem reinante, onde o gênio, o heroísmo e demais altas virtudes não podem nunca ser compreendidas em sua excelsa grandeza, e que representa, portanto, a grosseira moral consuetudinária, plena de rotinas, contrária a toda iniciativa



da Vontade Livre, emancipada das travas daqui de baixo pelo Conhecimento Intuitivo.

Fricka, a guardiã do Himeneu (casamento), ainda que este não seja por amor, e sim por engano, ou por força, como o de Siglinda e Hunding, aproxima-se de seu esposo para exigir-lhe, em nome do Himeneu, que proteja Hunding e abandone o Welsungo, que, em seu adultério e incesto, violou todas as leis divinas e humanas. O deus resiste em vão alegando que não pode existir lei alguma contra as sagradas leis do Amor, nem juramento algum válido que no Amor não se fundamente. Fricka, furiosa como a Juno grega contra o nascimento de Hércules, começa a maldizer a raça Welsungo, símbolo da suprema ignomínia de um deus que, percorrendo os bosques como os lobos, sob o nome de Welso, depois de haver forçado a Orvala Erda, ou a Natureza, e tirando dela as guerreiras valquírias, chegou à baixeza inaudita de procriar "um casal humano", esse deus busca em sua Mente transcendida nada menos que um Homem, um Herói que seja capaz de criar uma Ordem desconhecida e que, sem a proteção divina, saiba redimir-se de suas leis e cumpra assim seu destino, destino necessário para salvar os deuses, porém que nenhum deles podia realizar. Semelhante Desejado dos Tempos, não é outro senão aquele divino Prometeu-Sigfrido: o "filho amado de um pai inimigo". Fricka é o símbolo da negra reação, oposta sempre comò inerte lastro a todas as exaltações dos Movimentos redentores: o mundo do Mal, em suma, contra as ascensionais energias do Bem, e com o Bem, no entanto, desposado, pela lei dos contrários; o mundo da Mentira contra a Verdade; o da Rotina, contra a mágica Imaginação Criadora, a mais misteriosa das faculdades da Mente.

Wotan, em meio à dor, sacrifica — como Abrão — seu próprio filho, com base nas leis que ele mesmo criou. Esse é o glorioso símbolo do pai sacrificador e do filho sacrificado, que é base de todas as teogonias, inclusive do Cristianismo; e o pai, fiel a esta Ordem estabelecida, vê-se obrigado, pela Inércia dessa mesma ordem, a retirar a proteção de sobre o Amado de sua alma, deixando-o abandonado em seu destino: o destino do sacrifício que redime, como se tudo quanto existe de negro e de maldito neste baixo mundo houvesse de ser lavado, não com o sangue das veias, mas com este outro sangue da dor moral e da imolação da Mente no aras do Amor, que é Sabedoria.

Wotan retira a proteção de seu filho e deixa em liberdade a valquíria, para que faça aquilo que sua Vontade determine. Fricka se retira satisfeita e Wotan cai tristemente sobre uma roca, absorto em suas lúgubres reflexões. Brunhilda joga-se a seus pés; Wotan narra-lhe, então, seu grande segredo:

Que ninguém jamais saiba o terrível segredo que vou contar-lhe. Quando comecei a perder a atração pelo Amor, minha alma audaz ambicionou o Poder. Com ferocidade impetuosa, soube conquistar o universo e sujeitar com leis todas as Potências do Mal . . . Tão-só o astuto Loge, sob a forma de uma chama errante, escapou de minha tirania . . . porém, ainda sendo onipotente, aspirei amar . . . unicamente um filho das Trevas, um débil nibelungo, Alberico, que maldisse o Amor, soube desligar-se de tão supremo vínculo, conquistando o Ouro do Reno e com ele um poder incomensurável . . . O anel que forjara caiu em minhas mãos, manchando-as; porém, em vez de devolver o ouro às ondas sagradas, paguei com ele a construção do Walhalla, de onde domino o mundo. Aquela para quem o passado ou o porvir não tem segredos, Erda, a sublime, a sábia, fez com que me desfizesse do anel, profetizando-me uma ruína definitiva . . . quis saber de tudo, mas ela se retirou, desaparecendo. Perdi então toda a serenidade e, ansioso por saber de tudo, Deus baixou do Céu até as entranhas da Terra . . . Encantada pelos veios do Amor, turbada no orgulho de sua ciência, a Vala me respondeu por fim . . . Foi minha! E assim a mais sábia das sibilas do mundo foi sua Mãe, a terra, e a de seus oito irmãos. Eu mesmo os criei com a esperança de evitar os perigos que a Vala me havia predito . . . o vergonhoso Ocaso dos Deuses. Para que na hora da luta o inimigo nos encontrasse fortes, encarreguei vocês, as valquírias, de engendrar e fomentar o heroísmo de nossos antigos escravos, os homens, o heroísmo da Humanidade toda, reduzida por nosso despotismo a inclinar a cabeça às nossas determinações . . . Havíamos extin-

guido sua bravura e nossa tarefa consistia em sustentá-los nos combates, exaltando seu vigor pela rudeza da luta, para que assim eu pudesse reunir no Walhalla as mais intrépidas multidões armadas, capazes de lutar. Porque, tem de saber ainda . . . que se o nibelungo conseguir o anel, nossa ruína é segura. Hoje o anel está sob a custódia do gigante Fafner e eu não posso retirá-lo por causa dos pactos firmados. Somente um, o Eleito, um herói sem meu influxo, com a única ajuda de suas próprias armas, poderia conseguir o único objeto de meu Desejo. Como descobrir esse amigo-inimigo capaz de lutar a meu favor contra minha própria divindade? Como criaria um Ser Livre, que sem minha aprovação mereceria minha gratidão e meus amores por sua rebeldia? Quem, não sendo eu, realizará espontaneamente o ideal de meu exclusivo desejo? Dolorosa angústia! Asco profundo de encontrar sempre reproduzida minha imagem por onde quer que haja algo criado! . . .

Brunhilda fica estupefata ante a ordem que recebe de lutar contra o Welsungo, protegendo o repugnante Hunding, e trata, em vão, de resistir à força da vontade paterna. Entretanto, os felizes Sigmundo e Siglinda haviam subido pelo barranco e esta, com o coração amargurado pelo perigo que corre seu amado na luta contra o injurioso Hunding, cai desmaiada; Sigmundo coloca-a sobre uma pedra. A valquíria, aparecendo misteriosamente, diz a Sigmundo que a olhe face a face, porque logo deverá segui-la ao Walhalla, onde se encontram os maiores guerreiros que sucumbiram. O intrépido herói se nega a acompanhá-la se não puder levar consigo Siglinda, coisa que é impossível, porque as mulheres não podem gozar dos triunfos celestes, reservados aos heróis. Siglinda deve ainda respirar a aura da terra pelo que tem de revelar depois. Em vão tenta a valquíria vencer sua resistência, dizendo-lhe que, segundo a lei, aquele que a observasse face a face teria forçosamente de morrer. O herói se prepara para a luta confiando em sua espada Nothunga extraída do Fresno da Vida, e confiante em seu próprio esforço deixa Siglinda sob a proteção da insensível deusa, a qual, como todas as imortais, não conhecia o sentimento de piedade para com o débil, e de compaixão para com o abatido . . . Aos poucos o coração da valquíria começa a perceber e sentir este sentimento humano de piedade redentora e impede que o herói mate a sua amada para que não sobreviva ao seu infortúnio. A valquíria, tendo já transformado em humano o seu coração, resolve desobedecer ao Pai e ampara com sua égide, o Welsungo.

Hunding aparece com seus cachorros e

os dois se chocam em furiosa luta, entre os fulgores da tempestade que desencadeia. A batalha fica por um momento indecisa, porque Brunhilda protege Sigmundo dos golpes mortais de Hunding. Quando Hunding está por cair pelo ardor invencível de Sigmundo e de sua Nothunga (a espada), aparece Wotan, de improviso, entre os combatentes: com sua lança invencível, faz saltar em dois pedaços a espada do Welsungo, e o herói, assim desarmado, cai por fim sob o golpe mortal de Hunding, enquanto a valquíria recolhe os pedaços da espada e, montando no cavalo com a infeliz Siglinda, vai para o Walhalla. Hunding, por sua vez, cai morto ante a simples presença de Wotan, que lhe ordena ir prostrar-se na Hela ante Fricka. Em pleno horror da tempestade, o deus supremo que acaba de sacrificar, contra sua vontade, seu próprio filho, lança veozmente o cavalo em perseguição à sua filha, para castigá-la pela inaudita rebeldia.

Na ladeira direita da montanha há um bosque de pinheiros e, à esquerda, a entrada de uma gruta onde o monstro Fafner dorme sobre seu tesouro. As divinas valquírias chegam à sua mansão excelsa levando na garupa dos cavalos as almas dos guerreiros que acabam de morrer combatendo pelo Ideal em qualquer de suas formas. Só falta Brunhilda, que chega, por fim, trazendo em seu cavalo a carga mais santa de uma mulher que vai ser mãe, porém, ao mesmo tempo, a carga mais odiosa e repulsiva para a insensível crueldade daquelas guerreiras virgens.

Brunhilda pede o auxílio de suas irmãs, par encontrar um local para a pobre Mãe,

que por si só é o mais elevado dos heróis, a Heroína. Mas as insensíveis valquírias se negam a protegê-la, temerosas do furor paterno. Brunhilda, mais sublime que nunca pelo mero fato de ser já compassiva, compartilhando as dores com a pobre Humanidade, leva amorosamente a Mãe para a caverna de Fafner, segura de que ali Wotan não lançaria sua fúria. Serena e compassiva, com a certeza do dever cumprido, vai ao encontro de seu indignado pai, não armada de lança, mas com uma arma mais poderosa: o invencível vigor da Consciência moral e humanizada, que opõe a Égide do Dever Cumpriado às brutalidades da força física e às estreitezas de uma moral rotineira sem emotividade real: este é o tema da Justificação que todo o herói humano, ainda que sucumba, lança à face dos deuses ou forças que o tiranizam.

Brunhilda sabe qual é o castigo que deverá sofrer pela desobediência a seu pai Wotan: perderá a condição de valquíria, transformando-se numa vulgar mortal. No fundo, Wotan não está tão feliz, pois Brunhilda teria realizado seu desejo oculto, mas novamente sucumbe em virtude de suas próprias leis.

Antes porém do terrível julgamento de Brunhilda, esta havia feito a profecia de que o filho de Siglinda se chamaria Sigfrido, o Redentor, e lhe seria entregue, como dote, os dois pedaços da espada gloriosa.



Emilio Moufarrige

LEIAM

- **Os Mistérios de ISIS E OSÍRIS** – Narração do filósofo Plutarco, do século I A.C. sobre a mitologia e filosofia egípcias.
- **MAHATMA GANDHI** – A Violência Derrotada – Lia Mertzig – A importância de Gandhi para o acervo moral e espiritual da humanidade e seus exemplos práticos de renúncia a toda luta violenta.
- **ANKOR, O DISCÍPULO** – Jorge Angel Livraga – A verdade sobre a Atlântida à luz do conhecimento esotérico.
- **SATSANGA, Contos da Índia** – Ada Albrecht – narrações da antiga tradição indiana
- **A Alma, a Beleza e a Contemplação** – Ismael Quiles – seleção e comentários das “Enéadas” do filósofo Plotino
- **UTTARA GITA** – Ada Albrecht – tratado de filosofia monista da Índia
- **Último Lançamento: DINÂMICA DA HISTÓRIA** – Cláudio De Cicco – a história em uma visão vibrante e atual

● **Publicações da Associação Palas Athena**

O MUNDO DIVINIZADO



Teilhard de Chardin

Foi por unanimidade que, na conferência geral da U.N.E.S.C.O., reunida em Belgrado em novembro de 1980, tomou-se a resolução de celebrar o centenário do nascimento de Pierre Teilhard de Chardin, s. j. (1/5/1881 — 10/4/1955), posto que, nos termos dessa resolução: "Propondo uma civilização do Universal, seus trabalhos enriqueceram consideravelmente a reflexão religiosa, filosófica, e científica" e porque "sua obra exerceu uma influência notável sobre o pensamento contemporâneo numa perspectiva de convergência e de solidariedade."

A partir de então, geralmente sob a orientação da *Fondation Teilhard de Chardin* de Paris, vêm se articulando em todo o mundo atividades comemorativas tais como conferências, cursos, simpósios, congressos, edições de originais e traduções, publicações de artigos etc.

No Brasil, o prof.º Dr. José Luiz Archanjo, grande especialista teilhardiano e representante da *Fondation*, além de várias realizações em caráter de divulgação, preparou com estudos, notas e comentários aprofundados, a tradução primorosa de uma das mais significativas obras do sábio jesuíta — "*O Meio Divino*" — publicada pela editora Cultrix e lançado na Associação Palas Athena no dia 14 deste mês.

No presente artigo, o prof.º Archanjo explicita o sentido maior dessa obra, apresentando suas linhas mestras de motivação, inspiração e estruturação. Tal artigo representa, pois, a sua homenagem e a desta revista àquele que foi, sem dúvida, o grande apóstolo do Cristo Cósmico no século XX.

Em abril de 1926, com quase 45 anos de idade, o padre Pierre Teilhard de Chardin, s. j. — tendo a expressão de seu pensamento drasticamente limitada por seus superiores eclesiásticos, que o levaram também a renunciar ao magistério, ao apostolado e à vida intelectual de Paris — retorna à "Missão Paleontológica Francesa" em Tientsin, na China, onde estivera um ano e meio antes, em estágio científico e expedições paleontológicas.

Mesmo sob o terrível impacto de tal reviravolta numa carreira de sacerdote e pesquisador que já se patenteava como das mais brilhantes, ele procura dolorosamente a fórmula que deverá assumir sua fidelidade existencial. Com autêntico espírito de obediência, cultivado desde a infância, conclui que a Igreja e a Companhia de Jesus são seu ponto de inserção no mundo, não obstante os conselhos de muitos no sentido de convencê-lo a deixar até mesmo o sacerdócio em função de uma total liberdade de pensamento e expressão.

Sem saber, talvez, então, que essa espécie de exílio camuflado e restrições de tal ordem pesariam sobre ele até o final de seus dias, Teilhard procura empenhar-se animadamente em suas pesquisas e, em novembro daquele ano, aproveitando um tempo disponível entre uma expedição e outra, põe-se a ordenar e registrar idéias que se esboçavam em seu espírito havia já algum tempo. Lenta e definitivamente, tais idéias tinham amadurecido no ritmo de seu desenvolvimento interior e ao calor de suas múltiplas vivências como homem de ciência e de fé.

Elas diziam respeito ao sentido maior do nosso estar no Mundo: a construção de uma obra para sempre, o próprio Mundo, levado a uma plenitude que o torne digno ser incorporado na Perfeição Divina; ou, inversamente considerando, realizado até uma consumação que o torne apto a ser a Transparência de Deus.

Por vastas e majestosas que possam parecer — e, de fato, são — tais proposições, elas não dão origem a um tratado filosófico ou teológico, pelo menos na intenção do autor. Pelo contrário, constituem, segundo ele, apenas um testemunho psicológico pessoal acerca de sua vida ou visão interior, traduzindo-se numa postura prática diante da realidade.

Ele mesmo descreve sua motivação imediata: *(...) e como começasse a me sentir vazio de ocupações, decidi elaborar, à maneira de livro quase de piedade, essas formas de espiritualidade (...). Levam por título O Meio Divino. Nada de novo, portanto, a não ser o esforço para expressar meus pontos de vista como atitude prática, acessível a todos, com a menor aparência possível de pretensões sistemáticas"* (cf. carta de 8/11/1926), e, em várias oportunidades, reafirma e explicita o seu projeto de escrever um

livro piedade (...), espécie de doutrina ascética ou mística que eu vivo e prego de há

muito (...) nada de esotérico e um estrito mínimo de filosofia explicitada; um tratado, simples na forma e, quanto possível, ortodoxo e desprovido de pretensões sistemáticas, sobre a "vida interior" (...); breve tratado de espiritualidade (...) essência do que tenho pregado durante os meus retiros, isto é, o método de "divinizar tudo"; breve "Tratado de vida espiritual". (cf. cartas de 7, 12 e 31/11/1926).

Acontece, porém, que, ao registrar perspectivas que na verdade constituíam as soluções de seus próprios conflitos pessoais, Teilhard estava, de fato, exprimindo o que vem a ser, fundamentalmente, o conflito do homem contemporâneo: por que, como e para que agir?

Nessas três indagações está contida toda a Problemática da Ação, decorrente ela mesma da Problemática da Visão.

Com efeito, a Ciência e a Técnica nos permitiram ampliações tão desmesuradas de nossa ótica sobre o Universo circundante, que fomos obrigados a reformular nossas mais caras concepções acerca do Real e de nosso lugar e valor exato dentro dele. Nosso antigo e ingênuo antropocentrismo encontrou-se ainda de tal modo abalado, que entramos em verdadeira *crise cultural*, isto é, tivemos de reavaliar, julgar e sopesar nossas tradicionais maneiras de ser, pensar, sentir e agir.

Essa crise atingiu profundamente nossa confiança na vida, e os nossos "humanismos", por assim dizer, des-humanizaram-se, **reduzindo-se** nossa existência a um "estar-aí-lançado", por acaso, sem razão, num absurdo fundamental, ou, então, a uma historicidade direcionada a serviço de melhores dias, de um Super-Homem, de uma Super-Raça ou de uma Super-Civilização.

Evidentemente não faltaram os cultos aos instrumentos de nossa nova visão: o Cientismo e o Tecnicismo elevaram-se como deflagradores e solucionadores de todos os nossos problemas.

Mundo super-dimensionado, Homem definitivamente sub-dimensionado ou historicamente procurando se super-dimensionar...

Qual a posição reativa de Teilhard — homem, cidadão do Mundo — diante desse quadro?

Lúcido perante a Ciência e a Técnica, ele se dimensiona para o Universo através de um *Sentido da Terra* (descobrimo-se solidário à estrutura planetária que levou a Humanidade a constituir em torno da Terra uma verdadeira esfera de pensamento, a Noofesra) reforçado e embasado por um *Sentido Cósmico* (descobrimo-se em contato e íntima ligação com todo o Universo, de forma a apreender-lhe a unidade de fundo por sob a multiplicidade aparente).

Coerente para com o Homem, ele se dimensiona enquanto tal, desenvolvendo um *Sentido Humano*, isto é, uma tomada de consciência da Humanidade como totalidade tangível e con-

creta, capaz de tomar nas mãos a sua própria evolução e de construir o seu próprio Futuro.

Evidentemente, tais *Sentidos*, manifestando-se primeiro como sensações e/ou sentimentos intuitivos, merecem toda uma elaboração intelectual — através de reflexões, meditações e escritos — que lhes confere o estatuto de fiéis parâmetros para uma auto-avaliação do Homem e para uma avaliação do Universo, avaliações essas que resultam em síntese de todo o Real. Este não é senão vasto processo evolutivo de unificação do Múltiplo, onde o Homem se encontra em lugar de destaque, dadas a sua complexidade material e sua consciência espiritual: não mais o centro geométrico e jurídico de um Universo estático, como no Velho Antropocentrismo de Posição, mas ponto culminante ou flecha da Evolução.

Nessa concepção de uma Evolução Cósmica e de um Néo-Antropocentrismo de Movimento, pode o Homem, portanto, encontrar uma saída mais coerente para a sua razão, fecunda para a sua ação e digna para a sua situação.

Entretanto, como se resolve a mesma questão "Mundo vs. Homem" para aqueles que creem? Para aqueles que divisam uma transcendência para além da História, uma dimensão absoluta acima de toda a relatividade, um Deus para além do Mundo e do Homem?

Qual será a resposta do cristão, em particular, à tríplice indagação do "porque, como e para que agir"?

Avesso ao materialismo grosseiro pela própria essência de sua fé, inconformável ao materialismo filosófico (para o qual a religião é alienante) pela própria essência de sua esperança, como realizará ele a essência de sua caridade, senão desencarnando-se, isto é, deixando de participar normalmente da fé e da esperança humanas, desinteressando-se dos progressos terrenos e da evolução universal, vivendo a sua espiritualidade num outro nível que não o humano, terreno ou cósmico e evadindo-se para um outro plano, para um reino que não seja deste mundo?

Teilhard encontra outra saída. Completando e coroando os Sentimentos Cósmico e Humano, é preciso que se desenvolva um *Sentido Cristão*, aquele que nos põe em contato com as energias espirituais irradiantes do Cristo, Filho do Homem, Filho de Deus Vivo, o próprio Deus encarnado que, tendo criado o Homem e o Mundo, amou-os tanto que deles quis se revestir, neles quis se manifestar historicamente, através deles transparece progressivamente e com eles será Plenitude eternamente.

O Cósmico e o Crístico; portanto, em conjunção através do Humano devem levar-nos a (...) *procurar uma via rumo ao Céu (não mediana, mas sintética) em que todo o dinamismo da Matéria e da Carne passe a Gênese do Espírito. (...) atingir o Céu pela construção da Terra. Cristificar a Matéria.* (Cf. "O Coração da

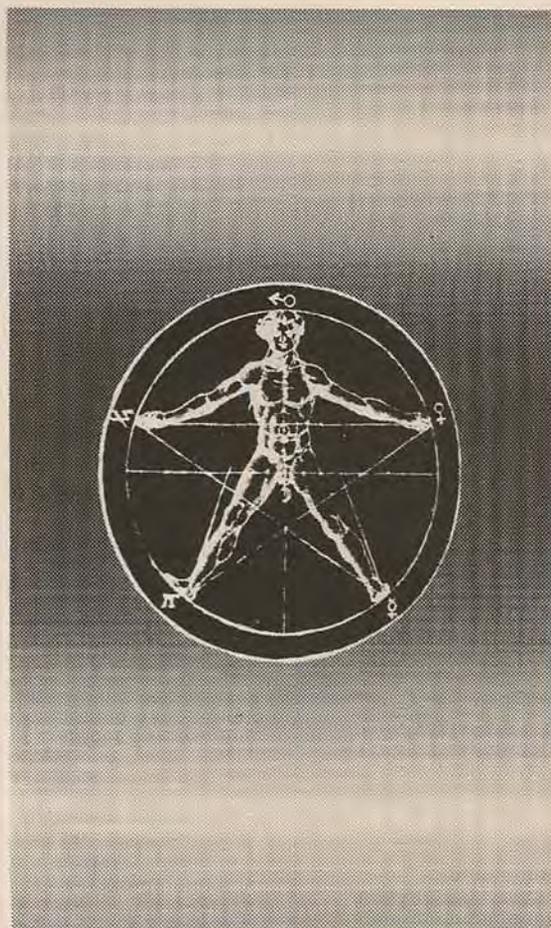
Matéria"/1.950).

Eis porque pode o Cristão amar ao Homem e ao Mundo: ambos estão impregnados da Presença Divina. Deus é o seu ambiente, sua atmosfera, sua condição básica de vida e existência, o seu *meio* por excelência. Todo o Real é um só imenso "Meio Divino".

Ninguém precisa temer o Mundo. Todos podem amar o Mundo, e o Cristão mais do que ninguém. Realizar o Homem e o Mundo, construir a Terra é co-criar, criar com Deus, colaborar na Sua Obra de Criação que, aos nossos olhos, prossegue através da Evolução; é, em última, instância, trabalhar com Deus para a consumação do Corpo Místico de Cristo.

Assim o Cristão é bem o homem entusiasta, progressivo, otimista e de "coração ardente" que, equilibradamente, descobre que, na sua encarnação e historicidade, santidade é também sanidade e esta exige presença, testemunho e, sobretudo, fidelidade.

A fidelidade existencial do Cristão emerge, pois, de sua *visão* e alimenta-se de sua *ação* (que pode ser, até mesmo além de conquista, renúncia e desapego, ultrapassagem das coisas e das pessoas) ou então de sua *paixão*, isto é, de suas passividades que ocorrem quando ele se esvazia para que Deus o preencha, quando ele se diminui para que o Cristo nele cresça, quando ele morre para que a Vida eterna se manifeste.



Tanto quanto todos os homens e até mais que eles, o Cristão é alguém que *promove* o Real, divinizando o Mundo e consumando o Homem. O seu Cristianismo constitui um autêntico Super-Humanismo, de virtudes operantes: uma fé que consagra, uma esperança expectante que invoca, uma fidelidade-caridade que unifica e une, em comum união, em comunhão universal, em comunhão dos santos.

Eis como Teilhard resolve pessoalmente a problemática da Ação, e, ao fazê-lo, está, de fato, através de sua obra, apresentando algo mais que o mero relato de uma experiência psicológica particular, está nos oferecendo um modelo ou paradigma personalizado de uma experiência cultural universal.

O seu *"Tratado de Vida Interior"*, pode, portanto, vir a se constituir no grande livro de espiritualidade do século XX, como o foram em suas épocas, a *"Imitação de Cristo"*, os *"Exercícios Espirituais"* ou a *"Introdução à Vida Devota"*.

E como tal deve ser lido. No mesmo espírito em que o autor o escreveu:

lentamente, tranquilamente, vivendo-o e meditando-o como uma oração: suavemente como uma prece". (Cf. cartas citadas anteriormente).

Adentrando por essa intimidade orante, encontramos, de partida, a orientação das reflexões que ela contém: a obra é dedicada "para aqueles que amam o mundo" . . . logo identificados como "os inquietos de dentro e de fora", isto é, aqueles que não conseguem conciliar o seu "ideal religioso humano" e o seu "ideal religioso cristão", por recearem falsear-se ou diminuir-se, desencarnando-se ou alienando-se, para ingressar no caminho evangélico, abrindo mão de suas inatas, naturais e instintivas atrações pela Terra.

Sim, cada homem tem a sua própria vocação, um chamamento ou apelo interior para a sua plena auto-realização, desabrochar de todas as suas potencialidades. Mas essa vocação pessoal não é senão expressão fragmentária, histórica, empírica e situacional da profunda vocação humana universal, global, eterna, necessária e permanente: a vocação de criar o seu Mundo, de co-criar com Deus o Universo e de, por fim, unir-se harmoniosamente, sem em nada se perder, à totalidade do Todo em Plenitude.

Sua existência é o seu campo de provas. É nos limites de sua duração que ele deve encontrar e percorrer o caminho que o fará "ir se fazendo", que o conduzirá a essa estruturação contínua e evolutiva de sua realidade, que o levará enfim à Grande Síntese.

A experiência nos revela essa existência dividindo-se em dupla pulsação: atividade e passividade, agir e padecer, fazer e sofrer. Para aquele que tem por meta alcançar o Divino em si, trata-se então de tudo divinizar.

Primeiro as *atividades*, atos e fatos (feitos)

que valem não somente pela intenção com que se realizam, mas também por seu resultado efetivo, uma vez que, por mínimos que sejam, constituem todos micro-estruturas do Real, e, por isso mesmo, cooperações na consumação do Mundo em Deus. Através de nossos atos e fatos, o Mundo evolui e se sintetiza para nós e nós próprios evoluímos e nos sintetizamos para Deus. Assim, pela ação, entramos em autêntica "comum união" de tudo com tudo, e, na perfeição que buscamos em cada ato, tanto santificamos qualquer esforço humano como humanizamos o esforço tipicamente cristão.

Não nos esqueçamos, contudo, de que cada ato ou fato, num percurso evolutivo, deve ter sempre o significado de um marco a atingir e a ultrapassar. Agir e fazer, portanto; mas evolutivamente, superativamente, desapegadoamente.

E não é à renúncia do "já conquistado" que nos convida insistentemente o "a conquistar"?

Nesse processo de auto-realização, construção, posse, conquista e desapego, ampliam-se os nossos ideais. E de tal forma, que súbito dá-se a conversão, manifestando a outra dimensão pulsante de nossa existência, a das *passividades*.

Aqui trata-se de divinizar também o que não fazemos, o que antes é feito em nós, aquilo que em nós depende de energias infinitamente superiores a nós. De um lado, as *passividades de crescimento*, pelas quais recebemos aquelas energias e as integramos ao nosso ser a fim de aumentá-lo e crescer; de outro, as *passividades de diminuição*, pelas quais aquelas energias nos destroem, esvaziando-nos de nós para que — se consentirmos — o mais Perfeito em nós tome lugar.

Em ambas é preciso apreender a *presença divina*. Nas primeiras, talvez não seja tão difícil fazê-lo. Não é comum identificarmos o alento de um Absoluto em todo grandioso que nos domina, arrebatada e exalta, mesmo temerosos diante do Desconhecido ameaçador? Afinal, ainda que confusamente, é a vida que chega a nós em tudo e através de tudo o que pode nos fazer crescer . . .

Mas, como apreender a presença divina nas passividades que nos parecem fontes e ocasião de diminuição? Como pode Deus estar presente nos obstáculos, nas ameaças, nos perigos, nas agressões, incidentes, acidentes, dores, choques, mutilações, defeitos, deformações, inferioridades, enfermidades, envelhecimentos, degenerescências e mortes? E, no entanto, Ele aí pode estar se o quisermos. Pela força de nossa fé. E de um modo, por assim dizer, tipicamente divino: primeiro, lutando conosco contra o Mal; em seguida, aproveitando nossas inevitáveis derrotas para o triunfo do Mundo; em todo caso, transfigurando, convertendo, transmutando Morte em Vida, Mal em Bem, Imperfeição em Perfeição; e, em última instância, unindo-nos a Si em comunhão.



Nessa perspectiva, a Sua Vontade só é atendida, a cada instante, no extremo limite de minha própria expansão, no ponto de que minha atividade orientada para o ser-mais, por si só, nada mais pode e então, sem deixar de ser fiel, rende-se, entregando-se confiante a uma necessária superação da aniquilação máxima, "superacção" que é *comunhão de resignação*.

Para quem consegue assim dimensionar a sua existência, o Real, todo o Real e o Real todo, torna-se de fato um magno ambiente de ser e existir, o clima propício à realização de sua vocação pessoal e humana, o meio que já é transparência da Grande Síntese, o *Meio Divino*, no qual "*vivimus, movemur et sumus*". . .

Imenso como o Mundo, ele pode se concentrar e precisar-se no êncanto e cordialidade das pessoas humanas.

Amplamente e inumerável como as criaturas que sustentam e super-anima, ele guarda, ao mesmo tempo, a transcendência que lhe permite conduzi-las, todas, sem confusão, à sua pessoal Unidade.

Próximo e tangível — pois em tudo e todos, por tudo e todos, nos toca e pressiona — afasta-se sempre mais como um valor-horizonte, atraindo-nos para o centro comum de toda a plenitude.

E todos esses atributos decorrem exatamente de ser ele, o próprio Deus, ponto último de convergência de todas as realidades, um *Centro*, pelo qual, com o qual e no qual tudo se toca, reúne-se e se consuma, diferenciando-se.

É imediata e impositiva a indefinição desse

Centro com o foco histórico que constitui a *Epifania*, a manifestação do contato humano-divino na pessoa de Jesus Cristo. Todo o eixo tradicional pelo qual o Cristianismo se expandiu desde então não foi senão progressiva irradiação daquele Centro que vai invadindo o Cosmo inteiro em crescente *Diafania*, transparência de sua onipresença.

Esse anunciar-se, evidenciar-se, mostrar-se, revelar-se, transparecer enfim, patenteia que o Meio Divino é o próprio Verbo de Deus encarnado, Jesus Cristo, impregnando, para nós, o Universo de sua onipresença em vista da constituição final de um Todo — união, comunhão de toda a Criação como o Incrariado, síntese do Múltiplo no Um — que é Repleção Quantitativa e Plenitude Qualitativa: o *Pleroma*.

O *Pleroma* . . . Misteriosa realidade que vamos estabelecendo, um pouco a cada instante, ao longo de todo o espaço-tempo, através de nossas consagrações (e para toda a Matéria se estende "Isto é Meu Corpo"), de nossas comunhões (a Perfeição entrando no Homem), de nossas vidas (a Perfeição imprimindo-se no Mundo), de nossas mortes (o Mundo liberando o Espírito para Deus).

Assim o *Meio Divino*, esse "Reino de Deus" que está dentro de nós mesmos, surge em cada mente e coração humano como um sentido (não necessariamente sentimento) de totalidade: a percepção da onipresença divina. Prolonga-se por nossa pureza (busca dessa presença acima de tudo), por nossa fé (que a partir daí opera a sobre-animação do Universo), por

nossa difidelidade (lealdade a um Deus que é para nós o eterno Descobrimento e o eterno Crescimento).

Há um ponto privilegiado, ponto único em que pode nascer para cada homem, a cada momento, o Meio Divino. Mas esse ponto não é um lugar fixo no Universo. É antes um centro móvel que devemos seguir como os Magos seguiram sua estrela.

Seja qual for nossa vocação pessoal, se seguida com aquelas virtudes de pureza, fé e fidelidade, levar-nos-á sempre para mais alto. E esse mais alto é a Perfeição.

Desejos maiores sobrepondo-se a desejos menores, renúncias prevalecendo sobre satisfações, mortes consumando vidas — assim vamos todos atingindo, mais ou menos depressa, um plano de menor egoísmo, um plano de maior união, um plano em que tudo o que ainda não é o Um passa a ser, não rejeitado ou evitado, mas assimilado e transposto.

Nessa evolução chegamos ao plano máximo da Caridade.

Definitivamente unificado no Pleroma, o Meio Divino deve começar a se unificar desde já em nossas existências e essa unificação só é possível quando as nossas existências, elas próprias, começam a se unir entre si. Eis a nossa "tensão de comunhão" impelindo-nos à consumação definitiva de nosso ser no encontro com o próximo, e, através dele, no encontro com Deus.

Nenhuma dessas idéias foge às grandes verdades do Cristianismo mais tradicional — o do Batismo, da Cruz e da Eucaristia — simplesmente elas o arrancam de um Cosmo estático e pronto, para projetá-lo numa *Cosmogênese*, isto é, num Cosmo dinâmico que ainda se faz. Em outras palavras, dão-nos o Cristianismo que assimilou o sentido da evolução, o sentido do humano e do *Para-Adiante*.

É para este último que estamos finalmente nos direcionando. E os cristãos, por esperança, mais até que todos os outros homens.

Um fim do Mundo, uma saída ou êxtase cósmico, o rompimento do véu fenomênico e a manifestação plena do Ser, a ultrapassagem extrema do natural e a evidência absoluta do sobrenatural, o triunfo do Um sobre o Múltiplo, a consumação do Corpo Místico, a Comunhão dos Santos, o Cristo em glória, a face de Deus, a *Parusia* — eis o que todos, consciente ou inconscientemente, esperamos.

Mas essa espera deve ser ansiosa, coletiva, atuante, pois é a acumulação de nossos desejos que fará por fim eclodir o Grande Dia.

A chama da esperança não pode, pois, se extinguir nunca. Antes cabe-nos reavivá-la custe o que custar. E, para fazê-lo, atualmente, não há senão um meio: humanizá-la.

Ninguém espera o Céu, senão na Terra.

A esperança expectante do divino precisa encarnar-se, identificando-se de algum modo

com uma esperança totalmente humana, ou até apresentando-se como um prolongamento harmonioso de plena realização deste Mundo.

Olhemos à nossa volta. O que se passa ao nosso redor neste momento? Desordens sociais, conflitos, agitações, inquietude na massa dos povos. A Humanidade atravessa visivelmente uma grande crise de crescimento.

Obscuramente consciente da imensidade do Mundo, da grandeza do Espírito e do valor sagrado de toda a Verdade a ser conquistada, ela percebe o que lhe falta e conhece o seu próprio poder. Por isso avança mais entusiástica e violenta do que nunca em direção ao Futuro.

Cabe ao cristão incorporar-se resolutamente nessa imensa corrente e evidenciar aos demais homens que a Plenitude esperada por todos é bem o Cristo que ele mesmo espera e anuncia. Aquele que era, que é e que vem.

Uma multidão imensa constrói e investiga. Nos laboratórios, nos escritórios, nos desertos, nas ruas, nas fábricas, no fundo dos mares e na infinitude do espaço, nas cidades e nos campos, no enorme cadinho social, os homens multiplicam seus labores penosamente.

Tudo quanto neles efervesce de arte, ciência, técnica e pensamento tem um sentido maior: o de precipitar aquela Vinda gloriosa.

Ao *Trabalho* e à *Pesquisa* empreendidos, resta-nos então acrescentar apenas um sentido de profundo respeito e reverência perante o *Sagrado* que se evidencia a cada instante e em cada lugar, um sentido de *Adoração*.

Tais, em linhas rápidas, e gerais, as perspectivas teilhárdianas expressas em "*O Meio Divino*", uma obra quase impossível de resumir sem, de algum modo, desfigurar na grandeza de sua lógica e precisão, na verdade forte de suas proposições, na beleza de sua atmosfera íntima e, sobretudo, na santidade ousada de seu esforço para descobrir, reinstalar e revelar o *Sagrado* em nossas vidas.

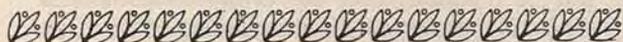
Nenhum artigo, comentário ou estudo poderia, portanto, pretender jamais dispensar uma leitura direta do texto que em breve será editado em português.

Foi com essa certeza que desenvolvemos estas considerações. Esperamos que o leitor, entusiasta e otimista por temperamento humano, e tão carente de vida interior como a grande maioria de nossos contemporâneos, encontre aqui e na leitura urgente da obra do Pe. Teilhard, um incentivo real para a consecução de suas vocações maiores pessoal, humana e cristã, com fidelidade existencial permanente.



José Luiz Archanjo, Ph.D.
São Paulo, 1.º de maio de 1981
1.º Centenário do Nascimento de
Pierre Teilhard de Chardin, s.j.

A Ciência Médica no Antigo Egito



Com Champollion e seu árduo trabalho de decifrar, para o nosso mundo, os primeiros hieróglifos egípcios, nasceu a assim chamada egiptologia. O Egito — com seus faraós e sacerdotes mumificados, seus monumentos sagrados, seus mistérios, sua magia — apresentou-se como um objetivo suficientemente atrativo para a inquietação e a ânsia cognoscitiva dos últimos séculos, dando margem à criação da nova ciência. A partir daí, uma ininterrupta série de descobertas têm provocado as mais distintas e variadas interpretações, mas, além disso, tem-nos revelado muito sobre a forma de vida dos egípcios, suas concepções sobre o mundo, sobre a vida e a morte, sobre a divindade, etc. No concernente à medicina, foi-nos dado ver que os egípcios a exerciam em nível bem desenvolvido, seguindo normas e procedimentos em muito semelhantes aos atuais.

Evidentemente, em todas as culturas e em todas as épocas devem ter-se realizado práticas curativas, pois sempre foi e continuará sendo uma preocupação do ser humano a mitigação do sofrimento e o prolongamento de sua existência física. Mas o que causa espanto e admiração na *ars curandi* dos faraós é a minuciosidade e o rigor metodológico empregados em seus tratados mé-

dicos, obedecendo sempre a descrição de casos patológicos a uma seqüência lógica: título, apresentação de sinais e sintomas, diagnóstico, tratamento e prognóstico — a mesma seqüência empregada nos modernos escritos médicos.

Isto faz que os egípcios sejam unanimemente considerados os precursores dessa ciência, os primeiros a organizá-la e discipliná-la, sendo a ela dedicados os seis últimos capítulos do tratado hermético. Afirma-se que Hipócrates, o *pai da medicina*, foi iniciado na sua arte em terras do Egito, pois muitas das prescrições hipocráticas coincidem com as encontradas em papiros médicos, chegando essa coincidência ao máximo entre o texto de Hipócrates sobre a esterilidade feminina e aquele encontrado no “papiro médico de Berlim” (XIX Dinastia, cerca de 1.250 a.C.). Assim, a denominação o *pai da medicina* talvez devesse ser transferida para algum desconhecido sacerdote-médico das cortes faraônicas, de longínqua data, e cujos ensinamentos a tradição encarregou-se de conservar e transmitir às sucessivas gerações. Mas esse mesmo sacerdote seguramente recusaria tal título, porque — ele nos diria — a sua sabedoria teria vindo dos próprios deuses, do próprio Thot, o pai não só da medicina, mas de todas as ciências.

Um dos mais eloqüentes documentos da sapiência egípcia no campo da medicina são essas múmias, hoje espalhadas por diversos museus do mundo, que atingem, em alguns casos, 5.000 anos de idade. O simples fato de se conservarem por tanto tempo já seria de chamar a atenção; no entanto, o que realmente causou admiração entre os cientistas do mundo inteiro foram os resultados dos exames histológicos, físico-químicos e serológicos realizados em tecidos mumificados, que se revelaram dotados ainda de algumas propriedades biológicas dos organismos vivos. Esses estudos, pode-se dizer, foram iniciados por Sir Marc Armand Ruffer, cirurgião francês, nascido em 1.859. Este cientista começou a praticar cortes microscópicos em lesões de múmias, apresentando seus trabalhos à Sociedade Científica do Cairo e publicando-os no *British Medical Journal*, dando imensa contribuição à nascente ciência chamada *paleopatologia*: “ciência das doenças demonstráveis nos restos humanos e animais dos antigos tempos”.

No que respeita à estrutura dos tecidos mumificados, toda ela se mantém praticamente íntegra em todos os órgãos: pele, músculos, artérias e veias, nervos e vísceras. As exceções se restringem apenas aos órgãos que eram propositadamente danificados — seja por exigência do próprio método de mumificação, seja por outro motivo relacionado ao objetivo geral da mesma — e que eram tratados à parte e guardados em quatro vasos de alabastro, denominados “canopos”. Entre eles, os intestinos e o fígado, sendo este último particularmente “visado”, mostrando quase sempre sinais de verdadeira depredação. Não assim com os pulmões que, em alguns casos, podem inclusive recuperar a elasticidade.

O processo de conservação é bastante simples, constando apenas de impregnar os cadáveres de uma solução salina (mistura de carbonato, cloreto e sulfato de sódio), a qual, em pequena concentração tem essa propriedade de preservar os tecidos, ao passo que, se usada em grande concentração, os macera. Importante notar que, além das características físicas, observa-se também a preservação de certas características químicas e sorológicas, por exemplo a capacidade de determinar reações anafiláticas em outros seres vivos.

Mas, sem dúvida, o achado mais interessante foi decorrente dos trabalhos de Busse Grawitz, cientista argentino que demonstrou a possibilidade de proliferação dos te-

cidos mumificados, desde que submetidos a circunstâncias favoráveis. Ele realizou seus estudos em múmias de índios pré-incaicos e múmias egípcias da I Dinastia, conseguindo que houvesse crescimento celular em ambos os casos. *Que força maravilhosa — indagava-se, abismado, o pesquisador argentino — obriga as moléculas a se diferenciarem e a se ordenarem em núcleos e células? Nenhum tóxico, nenhuma irritação, nem o próprio tempo consegue aniquilar essas forças latentes, essas células adormecidas, que, por outro lado, não se desenvolvem em nenhuma solução nutritiva artificial, nem mesmo o próprio soro, exigindo para isso o plasma ou a linfa de organismos vivos e normais.*

Aqui, certamente, nos encontramos diante de mais uma faceta deste grande mistério que vem desafiando os homens de todos os tempos: o mistério da própria vida. E também diante de mais uma faceta deste outro mistério, o das culturas antigas em geral e da egípcia em particular: desde os tempos de Champollion o homem contemporâneo vem descobrindo mais e mais a respeito do Egito Antigo, surpreendendo-se a cada novo achado. E de descoberta em descoberta, de surpresa em surpresa, vê desfilar diante de si um mundo maravilhoso, fecundo, vibrante e, sobretudo, enigmático.

Os Papiros Médicos

Os conhecimentos médicos dos egípcios estavam condensados nos seis últimos volumes da coleção hermética. Estes seis volumes estavam assim distribuídos: o primeiro se referia à anatomia; o segundo às moléstias em geral; o terceiro ao instrumental médico; o quarto às drogas e remédios; o quinto à oculística, e o sexto à ginecologia. Os papiros médicos encontrados até hoje, provavelmente fragmentos do tratamento hermético, obedecem mais ou menos ao mesmo plano, apresentando, no entanto, características particulares cada um.

O papiro de Ebers é o mais bem conservado e apresenta um comprimento aproximado de 20 metros, e largura de 30 centímetros. Foi encontrado na necrópole de Tebas e corresponde ao início da XVIII Dinastia, cerca de 1.500 anos a.C. Trata, de maneira mais ou menos desordenada, de vários estados mórbidos, incluindo afecções abdominais, oftalmias, retenções urinárias, parasitoses, dores de ouvido, epilepsia, etc.

O papiro de Edwin Smith apresenta-se mais ordenado e melhor concatenado, tendo sido redigido e acredita-se, por volta de 2.200 a.C. O texto mostra algumas expressões presumivelmente ininteligíveis, pois com o passar do tempo, alguns comentários

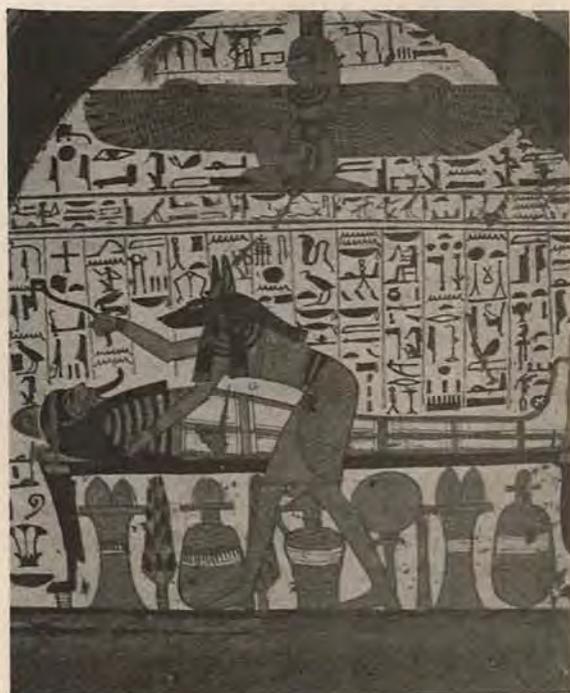
foram acrescentados pelos copistas, com o intuito de melhor esclarecê-las. De qualquer forma, este papiro é considerado um verdadeiro tratado de patologia cirúrgica, fazendo referência a um sem-número de casos de lesões traumáticas, incluindo fraturas, lesões neurológicas e outras. Algo que também chama a atenção são as referências às cirurgias oculares. A par de uma extensa lista de doenças oculares, conhecidas e tratadas clinicamente, os textos aludem a instrumentos utilizados em cirurgia oftálmica; também existem gravuras, em paredes de tumbas, que nos mostram o cirurgião atuando sobre o olho de um paciente. Isto nos causa estranheza, de vez que sabemos quão delicados e sofisticados são os instrumentos utilizados hoje em dia em cirurgia ocular e quanto cuidado com a assepsia é necessário para se evitarem infecções. E, como se pode deduzir dos papiros médicos, os egípcios devem ter encontrado alguma forma de superar esses problemas, fórmula essa que talvez nunca cheguemos a conhecer.

Além dos já citados, são conhecidos ainda o papiro médico de Berlim, o papiro médico de Londres, o papiro de Leyde, entre os mais importantes. Em todos eles vemos quase sempre a seqüência de descrição do exame do doente, diagnóstico e prognóstico, este último com três alternativas: doenças que *eu curo*, doenças que *eu combato* e doenças que *eu não curo*. O tratamento se dividia, por um lado, no uso de vários tipos de remédios, medicamentos ou não, e, por outro lado, no uso de encantamentos. Entre os primeiros, podem-se incluir a aromaterapia e a hipnoterapia. Os egípcios eram mestres na arte de obter essências de árvores odoríferas, que depois utilizavam em terapêutica, seguramente por conhecerem a sua hoje amplamente aceita e reconhecida influência no comportamento emocional dos indivíduos, e por acreditar na capacidade que têm os perfumes de afastar determinadas energias maléficas e potenciar as benéficas. Quanto ao tratamento pelo sono (hipnoterapia), hoje em dia tão usado, embora sem que se saiba como se produzem os seus efeitos benéficos, era empregado com o intuito de que forças poderosas penetrassem o paciente, harmonizando-lhe e regularizando-lhe o corpo e as forças vitais.

No que se refere aos encantamentos, os cientistas modernos simplesmente repudiam as "bizarras invocações de entes sobrenaturais" e renegam o "primitivismo" desses procedimentos. Concordamos em que os sacerdotes-médicos egípcios não invocavam entes sobrenaturais; simplesmente



invocavam elementos da própria natureza, mas ocultos para aqueles que são incapazes de percebê-los. O fato de não utilizarmos ou não conhecermos determinado processo curativo não lhe tira ou acrescenta valor. Um procedimento qualquer tem validade pelo que é em si, não pelo que nós, os homens modernos, venhamos a pensar a seu respeito. Quanto ao primitivismo, acreditamos que muito tempo haverá ainda de transcorrer antes que se chegue a uma definitiva conclusão acerca de quem é o verdadeiro primitivo: se os antigos, com sua am-



pla concepção do mundo, do homem e de Deus, ou se os modernos, com sua estreita fixação pelo conhecimento tecnológico e sua aberrante valorização dos instintos.

E, no caso dos encantamentos, nunca seria demais lembrar o poder da palavra, principalmente quando pronunciada com a correta entonação e no momento adequado; nunca demais lembrar o poder criador do verbo, tantas vezes referido nas sagradas escrituras dos mais distintos povos; e nunca demais lembrar que, no Egito, a ciência e a religião estavam intimamente relacionadas, e que os médicos eram também sacerdotes que não se pretendiam autores dos encantamentos, preparações medicamentosas e outras técnicas curativas: eles apenas os aprendiam nas chamadas "Casas da Vida", os templos-universidades legados pelo deus Thot, o mensageiro dos deuses, encarregado de proteger a humanidade, a quem alude o papiro de Ebers: *Eu saí de Heliópolis com os Grandes dos templos, os que possuem proteção, os senhores da eternidade... Eu pertencço a Rá. Ele disse: "serei eu quem protegerá o doente de seus inimigos. Thot será o seu guia, o que fará falar as escrituras e é autor das fórmulas; dará habilidade aos sábios e aos médicos-mágicos, seus discípulos, para curar da doença aqueles que Deus deseja manter vivos"*.

Isto poderá parecer absurdo somente para aqueles que se aferram às suas convicções materialistas porque têm medo de se lançar ao estudo do desconhecido. Mas não assim para os que acreditam, ou melhor, constataam dia a dia a existência de leis naturais inexplicáveis para o homem comum, e que acreditam também que, em outras épocas, em outras culturas, o conhecimento dessas leis naturais deu ensejo ao surgimento de uma verdadeira medicina sagrada, de uma verdadeira ciência sagrada: sagrada no sentido de possibilitar a harmonia entre o interno e o externo, entre o microcosmos e o macrocosmos, entre o Homem e o Universo.

Nesse sentido, tudo no Egito era sagrado. Talvez nenhuma civilização tenha buscado tanto essa harmonia. Talvez nenhuma civilização tenha mostrado tanto ao ser humano a sua própria grandeza, indicando-lhe, ao mesmo tempo, a adequada dimensão, o justo limite de sua atuação dentro do vasto universo de Deus.



Bibliografia: Claudine Brelet-Rueff — *As Medicinas Tradicionais Sagradas*. Edições 70, Lisboa, 1978.
A. de Almeida Prado — *As Doenças Através dos Séculos*. Editora Anhembi, São Paulo, 1961.

Zildo Trajano

ASSIM DEUS FALOU AOS HOMENS



— Mario Ferreira dos Santos —

Já haviam despertado as trevas para os lados do nascente.

E despertei porque abri os olhos para a luz da manhã.

O silêncio dominava todas as coisas como se elas permanecessem ainda adormecidas.

Na paz do campo, deveria ferir os meus ouvidos a clarinada de um galho, e um canto de pássaros não me surpreenderia.

Surpreendia-me o silêncio; silêncio que me penetrava e me pesava nas pálpebras.

Acordei quando soaram as trombetas do Senhor. Uma brisa suave embalava todas as coisas e mansamente acariciava o meu corpo porque despertei sem sobressaltos.

Eu também ressuscitava, e vi.

E vi que o verde dos campos era mais aveludado. No céu, um azul muito lavado, longínquo, matizado de um leve cor de rosa, permitia aos meus olhos penetrarem distâncias sem fim.

Não era mais uma cúpula empoeirada de

luz, e tudo me parecia estranho; porque era tão diáfano, tão profundo, que não havia mais distâncias para os meus olhos.

Por que, por que era tão diferente o mundo?

É que já haviam soado as trombetas do Senhor.

E de todos os horizontes um rumor veio até mim. Eram vozes que entoavam hinos.

E cercavam-me milhões e milhões de seres como eu, e todos voltavam 'os olhos para aquela voz luminosa que atravessava todas as distâncias e' nos aproximava do infinito.

Nunca poderei descrever o que senti ante aquela imensa luz que escurecia a luz do sol. Senti invadir-me um frio agradável que não me enregelava.

E havia cores inéditas para os meus olhos. E ouvi um som maravilhoso, ante o qual, o que valeriam os sons harmoniosos de um nobre violino?

E não me sobressaltei, quando aquela luz imensa falou:

— Homem, chegou o tempo dos tempos, e estás nos umbrais da Eternidade. Eu sou a Eternidade . . .

Ante o Senhor, eu deveria ter caído de joelhos. Deveria, humilde, elevar até ele os braços, e pedir-lhe piedade.

Eu estava ali para ser julgado, pois soara o Juízo Final.

Mas o Senhor tornou a falar:

— Homem, não deves temer a Eternidade. Não quero de ti o gesto de quem pede. Nunca de teus lábios deveriam ter saído as palavras que pedem, nem os lamentos dos queixosos da vida.

Se, em vez de pedir, tivesses tomado da vida o que precisavas, não 'estarias agora tremendo na minha presença.

O meu interrogatório será breve e rápida a minha sentença. Em ti eu julgarei todos os teus semelhantes.

Por que não acreditaste na minha verdade?

Não acreditaste por ser simples e clara! Sempre temeste a simplicidade, e a minha verdade era a simplicidade . . .

Não sentiste a suavidade do verão percorrer a tua pele? Não sentiste em tua alma as folhas secas que caem no outono? Não sentiste nas 'tuas carnes os frios do inverno?

Não reverdeceste com o mundo nas promessas da primavera?

Tinhas, na alma, todas as almas do mundo. Se tudo isso tivesses compreendido, terias vencido a morte! E por que não o compreendeste?

— Senhor . . .

— Não precisas responder. Eu sei a tua resposta. Ouve-me: Disseste um dia que os fenômenos no mundo se processava de

acordo com as leis 'da natureza. E estavas com a verdade. E por que não concordaste que havia uma ética na natureza, cujos fenômenos observam a regularidade de certas leis? . . . Por que criaste uma ética que negava a natureza? Ouve! Os poderosos chamaram bons aos poderosos; os humildes, aos humildes; os 'corajosos, aos corajosos; e os fracos, aos fracos. Todos os teus semelhantes se consideravam bons. E por que não foram bons?

Quando impotente, inventaste a complacência; quando te abaixavas, 'cheio de temor, chamaste humildade; quando te sujeitavas ao forte, a quem temias, chamavas obediência; como não podias vencê-lo, falavas em 'perdão.

Por que usaste do meu nome para justificar as tuas fraquezas?

Só por temeres os fortes aceitaste o amor ao próximo.

Quão poucas vezes conheceste o amor, porque ele muitas vezes era 'feito de medo. Mas outros nomes deste aos teus sentimentos, mascarando-os, para que os poderosos não compreendessem o teu ódio.

Fizeste do mundo um cárcere, e inventaste filosofias de carcereiro.

Não disseste muitas vezes que a vida não merecia ser vivida?

E por que? Porque te acovardavas ante a existência.

Por que criaste uma moral de vencido? Por que, em vez de construíres o teu mundo, viveste a imaginar outros que julgavas melhores?

— Senhor, tu és absoluto e podes compreender o porquê da minha fraqueza . . .

— É por isso que te falo. E ouve: detesta os que conduzem e os que seguem. É mister que inspires a ti mesmo a grande emoção capaz de inspirar os outros. É uma traição a ti mesmo queres conduzir o teu próprio eu. Deves conquistar-te pela tua própria fascinação.

Afirma-te pela natureza. E, se assim o fizeres, os teus olhos verão 'melhor, e ouvirão os teus ouvidos além dos teus ouvidos.

Procura na natureza as regras para a tua vida. não destruas a ti 'próprio ao te encaixares nas algemas que criaste.

Chegaste agora aos umbrais da Eternidade.

Ouve!:

Foi o teu medo que criou a imagem que de mim fizeste.

Os teus filósofos descreveram-me como um monstro de sabedoria; os 'teus ascetas, como um infinito de ascetismo; os teus poetas, como o mais lírico dos poetas, os teus fracos, como o extemo da complacência.

Em mim espelhaste sempre as tuas ausên-

cias desejadas.

No entanto, na vida com que animei o teu corpo, estava escrito o 'meu caminho. Só ele poderia levar-te até mim.

Mas outros caminhos preferiste buscar. Procuraste engrandecer a tua pequenez, e a atribuíste a mim. E porque era mesquinha a tua interpretação, acusaste-me dos teus erros e procuraste destruir-me.

Vou expor-te a imagem que tu, de mim, uma dia fizeste. Segundo a tua interpretação, eu percorri sozinho a imensidade do infinito, através do infinito do tempo. Ninguém me acompanhava nessa peregrinação eterna. Sozinho, buscava através da imensidão de mim mesmo, e da minha obra.

O teu aplauso chegava até mim tão ínfimo como se areias do deserto 'aplaudissem a arquitetura de tuas cidades. Sabes acaso o que sofre um 'ser que não recebe o aplauso de alguém que a ele se assemelhe? E tu, homem, tu que te queixas da tua infelicidade, podes encontrar o aplauso dos teus semelhantes.

Vives ombreando com teus pares, para a tua vida, para chorar as 'tuas lágrimas, para rir contigo as tuas alegrias, para sofrer, compartilhando a tua dor, tens a companheira que eu te dei.

E eu, eternamente sozinho por entre a imensidão de mim mesmo, estou só na minha glória.

Não há para mim montanhas que atravessar, rios que vadear, sombras 'que iluminar, mistérios que decifrar.

Não preciso conhecer a fruição das descobertas, o sacrifício agri-doce dos que perdem as noites no estudo em busca do conhecimento, porque 'sou Deus, e conheço tudo, e as trevas, para mim, são luz; as montanhas 'são rugas do meu caminho, e os rios, veios mesquinhos que nada significam.

Tu proclamas o meu poder absoluto. Tu o declaras por teus sábios e 'pelos teus filósofos, e, no entanto, queres fazer-me limitado na minha 'grandeza.

Nunca compreendeste o meu amor, como se apenas pudesse amar um ser 'infinito como eu. Querias que eu permanecesse eternamente na contemplação de mim mesmo, e a embriagar-me da minha própria contemplação e no amor do meu próprio amor. É que te afastavas de mim com o coração, e pensavas que era eu que me afastavas de ti.

Quando criaste regimes autocráticos, me descreveste como um autocrata; quando construístes regimes democráticos, fizeste-me um Deus bondoso; quando guerreiro e odioso, fizeste-me um Deus odioso e guerreiro, construístes a minha imagem à tua imagem, assim como outras vezes julgaste

'que a tua era a minha imagem. Querias fazer de mim um impotente ao afirmar que eu não podia fazer o mal nem o nada, como se não fosse o mal e o nada obras da impotência e não do poder absoluto. Unilateral sempre em 'tuas concepções, nunca te foi possível compreender os matizes dos meus 'atributos.

Não precisavas ser um deus para entendê-los. Tu, relativo e condicionado, querias ser a imagem do absoluto e do infinito. Desejavas, assim, iludir a tua limitação, insinuando a ti mesmo, às tuas intuições, à tua razão, para que se voltasse contra ti, contra tua condicionalidade, 'que eras um deus, mas desterrado. Criaste a lenda de Pigmalião para atirar sobre a divindade a infâmia de uma dúvida.

Tu me ofendeste com a imagem que de mim criaste. Foste sempre a medida de todas as tuas coisas.

Mas há em teu orgulho algumas coisa de heróico, quando, nesse orgulho, existe um desejo de me alcançar.

Admiro sempre aqueles que buscam elevar-se de seu ponto de partida. Mas sempre desprezei aqueles que estabelecem um estreito ponto de chegada.

Deves, homem, criar para ti um ponto de partida e nunca um ponto de chegada.

Faze de mim um ponto de chegada e faze de ti um ponto de partida, como homem, busca superar-te. Aqueles que te envenenaram com a loucura de 'atingir os fins, como se os fins existissem antes de mim, tornaram-te difícil a descoberta do caminho. Avança além de ti mesmo, a tua felicidade não é apenas o bem-estar, mas em sempre te aproximares de mim, e em cada instante do tempo, em cada uma das tuas vitórias, sentirás a felicidade da tua conquista.

Como queres achar-me, se tu ainda nem te encontraste?

Eu te ensino o novo caminho: eu sou a definitividade sem fim. Buscar-me é o teu caminho, eu estou em cada uma de tuas conquistas, e em cada uma das tuas vitórias, e estou contigo em cada uma das tuas superações.

Em cada instante que venceres a ti mesmo, em cada momento que deres um passo à frente, estaras mais próximo de mim.

Estarei ao teu lado quando amares, para que a tua afeição seja 'mais profunda; estarei ao teu lado quando chorares, para que a tua dor não te desesperes. Tu me terás ao teu lado em cada uma das tuas vitórias, porque eu sou a tua vitória.

Busca-te que me acharás.

Ouve o meu novo sermão da Montanha:



1 – Um dia, os homens hão de amar novamente o Sol. Há homens que o odeiam, porque lhes anuncia o trabalho fatigante.

A noite, para eles, tem um gosto de libertação! Terrível espetáculo o de um mundo assim!

Quando os homens voltarem aos seus lares com o peito alevantado, o rosto modelado por um sorriso, hão de amar novamente o Sol . . .

2 – Não me afirmam os que me afirmam em palavras; nem me negam os que em palavras me negam.

Negam-me os que negam-me em atos, embora me afirmem em palavras.

Eu sou aquele pai que se ofende quando os filhos o renegam pelos atos.

3 – Tornaste o amor pecaminoso. Dei-te o amor, para que ele te embelezasse a vida. Dei-te o céu nas menores coisas e tu o desprezaste, porque ele vinha nas menores coisas. Dei-te o amor, junto à tua carne e junto ao teu espírito, para que suavizasse os teus instintos. tu o chamaste pecaminoso. Fizeste de mim um monstro assexual, para clamar contra a miséria do teu sexo. Em verdade, eu te digo: o amor dos sexos também é divino, quando une os homens além de si mesmos. O amor 'ergue-os e os une além do tempo. Nega-se a si próprio, e nega a mim, aquele que nega o sexo.

Em verdade te digo: só as almas superiores sabem amar, e bem-aventurados os que amam porque eles conhecerão o reino dos céus!

4 – Observa os teus semelhantes. São mais desembaraçados para amaldiçoar do que para agradecer. Quando amaldiçoam, as frases saem rápidas, vivas, fluentes.

Mas as palavras são difíceis, torcem as mãos, e humildes, como vencidos, baixam a cabeça, sorriem temerosos, entre a tristeza e a alegria, quando agradecem, revelando uma terrível luta interior . . .

5 – Já disse um dos teus:

“Não é o amor ao próximo que salva os náufragos, e sim a coragem!”

Que adiantaria o amor ao próximo de quem não pode tornar efetivo esse amor? Deves cultivar a coragem ante a dor, a coragem ante o sofrimento, a coragem ante a alegria, a coragem ante o prazer, a coragem, altiva e nobre, em cada um dos teus momentos.

Só depois aprenderás a amar o teu próximo.

Só os corajosos sabem dar. Não conhecem o sofrimento surdo de sua benevolência; pois o covarde, quando dá, procede por temor do castigo divino ou por temor dos outros homens, ou por astúcia, no intuito de receber uma paga maior que a dádiva. O corajoso dará sem temores.

E, em verdade te digo, bem-aventurados, os corajosos, porque deles será o reino dos céus!

6 – Cuida-te daqueles que olham a vida com um olhar de sono. Tu sempre dormirás bem quando fores tu mesmo. Quando nega-

res a ti mesmo, teu sono interrogar-te-á. As tuas angústias serão livres e não uivarão na tua alma. Mas para libertá-las, não taparás os ouvidos a fim de não ouvi-las, nem delas fugirás para fugires à presença que te desgosta.

Deves levantar-te com um sorriso, porque todo acordar é uma ressurreição.

Bem-aventurados os que sorriem, porque deles será o reino dos céus!

7 – Se na hora da fortuna esqueces os teus amigos, como queres que se lembrem de ti na hora da amargura?

8 – Aquele que deseja a felicidade sem o esforço, é como o que atira fora a noz porque dura é a casca . . .

9 – A mãe ama o filho porque sofre para lhe dar a vida e para conservá-la. Tudo quando facilmente obtens, tens perdido. As dores, as lágrimas, as dificuldades foram a medida de valor de todas as tuas coisas.

10 – Virtuoso não é o que faz o bem porque teme o castigo; virtuoso não é o que pratica o bem porque será premiado; virtuoso não é o que realiza o bem porque não tem propensão para o mal. Virtuoso é o tenaz, é o forte, é o que vence, é o que executa a sua vontade, é o que dirige os seus impulsos, é o que estabelece um ideal, e o busca.

É o delicado para com os fracos, enérgico para com os covardes, humilde para com as crianças, digno para consigo próprio.

11 – Homem, um dia cansaste de crer. Tantas foram as mentiras daqueles que falaram em meu nome, que fechaste os ouvidos a todas as vozes que anunciavam um “além de ti mesmo”.

Mas quando sofres um desejo de um impossível; quando não consegues vencer a dificuldade que pensaste superar, quando uma insatisfação te oprime o peito e te arranca um suspiro, podes conformar-te com a tua morte. Podes ter um sorriso estóico e indiferente. Mas dentro de ti uma voz clamará, e precisarás amordaçá-la. E por que nesses momentos não interrogas a ti próprio, se existe em ti ou não, o que clama contra a falta, o que pede para vencer as tuas derrotas?

Não ouviste essa voz?

Sou eu, em ti, que falo, e por que não me queres ouvir?

12 – Como encontrarás o sobrenatural se tu nem sequer soubeste encontrar a natureza?

13 – Quantos atos de bondade deixarias de realizar se não tivessem testemunhas?

14 – Rebelam-se contra as regras os que não podem cumpri-las. A virtude só é grande quando difícil.

15 – Não conduzas e não serás condu-

zido.

Deves temer até conduzir a ti próprio. Perde-te em tua própria floresta para que te aches. E empõe tua busca como quem faz uma conquista.

Bem-aventurados os que conquistam a si mesmos, porque deles será o reino dos céus.

16 – O que recebe, louva sempre o desinteresse de quem dá.

Os que nada pedem á vida, os que não se queixam da vida, os que não se cansam de buscar, têm sempre um gesto desdenhoso quando acham, quando obtêm, quando sofrem.

Chamaste de verdadeiro tudo quanto te foi útil, tudo quanto correspondeu aos teus desejos. Ao vento que saculeja a árvore e atira ao chão a fruta madura, para que tu a apanhes sem esforço, chamaste de bom . . .

Não precisarei dizer mais para mostrar quão mesquinho é o teu conceito do verdadeiro, do bom, do útil?

17 – Se o mundo não for cada dia diferente é que tens a morte dentro de ti.

Bem-aventurados os que trazem dentro de si a vida, porque deles será o reino dos céus!

18 – A virtude dos pessegueiros são os pêssegos. A virtude dos mares o serem imensos; dos tigres, a crueldade; a astúcia, a das raposas. Só tu julgaste que a virtude não consistia em ser instintivamente humano!

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que não se negam, porque deles será o reino dos céus!

19 – Quão infeliz terias sido, se um dia eu te tirasse o esquecimento!

20 – Chamaste grandes aos que não pecam por temor do castigo, da consciência ou do remorso. Como chamarias áqueles que não pecam porque não querem?

Bem-aventurados os que não pecam porque não querem, porque deles será o reino dos céus!

21 – A rã não acredita num mais além dos horizontes . . .

Por que tu não vais acreditar num mais além dos teus horizontes?

22 – Tu agradeces á vida quando te fazem um bem? Então por que te queixas da vida quando te fazem um mal?

23 – Que seria de ti se não houvesse os que amam o perigo? Quem atravessaria os mares, as terras desconhecidas, quem galgaria os cumes das montanhas? Quem se aprofundaria nas entranhas da terra? Quem devassaria os espaços e quem penetraria nas selvas do conhecimento em busca de novas verdades?

Quem se entregaria ao afã das descobertas, no silêncio impregnado de mistério dos laboratórios, se não houvesse os que amam o perigo?

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que amam o perigo, porque deles será o reino dos céus!

24 — Benditos os miseráveis que guardam para si as suas misérias.

25 — Um olhar de eternidade, homem, é o de que careces para a altivez de teus olhos!

26 — A bondade manifesta-se no invisível da generosidade.

Só podem dar os que têm. E quem tem é mais do que si próprio. Deves por isso, amar o "além de ti mesmo", para poderes conhecer a felicidade de quem dá.

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que vão além de si mesmos, por que deles será o reino dos céus!

27 — Não tenho virtudes, porque sou quem sou.

Virtuoso é só quem vence os seus defeitos, e eu não os tenho. É fácil ser bom quando a bondade é agradável, e eu não admiro os justos que não podem ser injustos.

Quero-te como és, mas vencedor de ti mesmo, porque em verdade te digo:

Bem-aventurados os vencedores, porque deles será o reino dos céus!

Enganam-se que servem os que sacrificam a vida para me servir; enganam-se que me amam, os que odeiam os outros para amar-me; enganam-se que me honram, os que buscam a solidão para me encontrarem . . .

Nunca pedi desses servidores, pois não seria Deus se deles carecesse.

Eu sou a Eternidade. Volta para junto de teus semelhantes e repete-lhes estas palavras que traduzi na imperfeição da tua língua: "Quiseste um mundo melhor do que aquele que te dei. Dizes saber como deveria ser esse mundo; proclamaste até que feito por ti, ele seria melhor.

Se sabes construir a felicidade, por que não a constróis?

Não conheces acaso as leis do teu mundo? Não dominaste as distâncias? Não acorrentaste o raio e tornaste inofensivo o trovão? Não soubeste arrancar do seio da terra o alimento para os teus? Não construístes cidades imensas de cimento e de aço? Não tiraste do âmago da terra a força que te poupa o esforço? Não aumentaste no decorrer de séculos o teu poder mil vezes mais? Por que não realizas o teu mundo? Por que não fazes a tua Terra Prometida em vez do "meu vale de lágrimas"? Não te consideras inteligente, poderoso, forte? Pois mostra a tua força, o teu poder, a tua inteligência.

É pelo menor esforço que desejas que eu, como um dos teus mágicos, transforme as coisas num golpe de mágica.

Queres ter à tua mão o fruto que não co-

lheste. Não, homem! Conquista por ti próprio o mundo que desejas. Dar-lhe-ás depois, quanto mais lágrimas e mais dor ele te exigir, mais valor pelo que te custou! Não destruirei a minha obra tornando a ti, poeira de uma poeira, maior do que mereces. Dei-te a inteligência para poderes vencer em tua luta. Que fizeste dela? Por que não a usaste para o bem? Cansaste agora de usufruir o teu poder, e como temes os mais fortes do que tu, pedes-me que os torne iguais a ti.

Se eu fizesse o mundo como desejas, sentir-te-ias mais infeliz do que és hoje, porque te cansarias logo da tua felicidade. Dize ainda aos teus semelhantes estas minhas últimas palavras:

Homem, voltarás a ser tu mesmo, e imprescindivelmente viverás a tua vida. E continuarás comendo o pão com o suor do teu rosto. O imensamente grande e o imensamente pequeno da tua vida tornarás a vivê-los.

Cada sofrimento e cada alegria tua hão de encher de lágrimas outra vez os teus olhos e fazer sofrer o teu peito e hão de outra vez desabrochar o sorriso do teu rosto e aprofundar a tua respiração. E, assim, imprescindivelmente . . . E terás outra vez o sol que admirarás e adorarás, porque ele carregará de frutos maduros as árvores que plantares, e de calor o teu corpo que tremerá nas noites frias. Outra vez a lua há de empalidecer nas noites escuras e sugerirá a eclosão dos teus sentimentos e dos teus afetos. Outra vez ouvirás o ritmo das horas que passam, marcando o teu tempo. E admirarás os campos soltos, as manhãs claras, cheias de luz e de vozes de pássaros, e terás as sugestões misteriosas que se esconderão nas sombras das noites sem luz, outra vez . . .

Homem, vive e compreende o teu destino. E verás, então, que, mais uma vez, há de desabrochar no teu rosto o sorriso da alegria que procuraras, e há de doer menos o teu peito.

Ouve: que o sofrimento não seja para sempre a tua preocupação. É mister que o vejas em função da tua alegria. Não rirá nunca o teu rosto antes que se tenha um dia retorcido pela dor.

Só poderás gozar a felicidade da incerteza quando compreenderes ser a dor a antecâmara da alegria. Ama a contradição de tua vida, porque ela afirma. Não modeles a tua existência na estreiteza dos sonhos da tua fantasia nem da tua realidade.

Nega os fatalismos para afirmar o teu querer. Lembra-te que há destinos que se forjam, como tu forjas as tuas espadas. Careces da consciência de tua força e não temas usá-la. Só assim te elevarás acima de ti.

Acreditaste no fim, porque viste o fim das coisas, e elas se transformam.

Acredita na tua eternidade, e já terás com isso conseguido superar um pouco a tua limitação.

Que as minhas palavras te sirvam para o futuro. Falei-te com a simplicidade de tua língua, e espero não mais ouvir as tuas queixas que aborrecem os meus celestiais ouvidos!

Todas as imagens que de mim criaste tornam-se ridículas e ofensivas. Não criticarei a tua maneira de me conceber. Não sou o Deus que exige a cada instante um sacrifício, que, a cada momento, quer os teus pensamentos voltados para mim. Não seria Deus se carecesse de sacrifícios para poder aplacar a minha ira, nem me ofendo por procurares descobrir quem sou. Em cada uma das tuas épocas terás de mim uma definição, e esta nunca há de te satisfazer. Mas ouve: precisamente por isso deves te alegrar.

Farás de mim tantas imagens quantos os teus instantes, na vida. Em vez de me definires, ensinar-te-ei a maneira de me encontrares. Busca-me . . . É nessa busca que me terás a teu lado. Quando me atingirás? Que te interessa saber o quando, se mal iniciaste a jornada? Põe-te a caminho. Realiza a ti mesmo, sempre além de ti mesmo. Com isto te aproximarás de mim. Eu estarei em todas as épocas, sempre distante eu serei o teu ideal. Em vez de procurares transformar-me em ti, homem, transforma-te em mim.

Não me definirás mais pelas tuas qualidades, mas procurarás a tua definição pelos meus atributos. É esse o caminho que indico, e que te levará até mim. Vai!



Mário Ferreira dos Santos
(Extraído do livro "Assim Deus Falou aos Homens"; Livraria e Editora Logos, São Paulo, 1959)

Aristocracia e Democracia

Jorge L. García Venturini

(dezembro/74)

Devido a alternativas semânticas sofridas no transcurso do tempo, estes vocábulos pareceram ter significados opostos. A participação de todos na coisa pública foi denominada *democracia* (embora, como forma de governo, o nome correto fosse *república*), e, como tal, se confrontava com a participação de apenas uns poucos, o que se denominava *aristocracia* ou, também, *oligarquia*, termos estes que se usam indistintamente, o que tampouco é correto. A democracia — em linguagem superficial e convencional — costuma assim representar o contrário da aristocracia. Isto porém, requer uma maior atenção, já que por trás de um falseamento semântico se esconde sempre um falseamento conceptual e entram em jogo princípios fundamentais.

Se por *aristocracia* entendemos uma classe social que por sua linhagem encontra-se investida de numerosos privilégios, entre eles o de governar, sendo estes

privilégios hereditários e inalteráveis, não importando quais sejam os verdadeiros valores éticos ou a efetiva capacidade para governar, é certo que a democracia (e a república) lhe são contrárias. Mas ocorre que *aristocracia* significa também e fundamentalmente "o governo dos melhores" (*áristos* significa, em grego, o melhor), e neste sentido a democracia não tem por que opor-se à aristocracia — a menos que se deseje algo que não se deveria desejar, ou seja, o governo dos piores. Não obstante, a incúria na linguagem, que nos faz dizer às vezes o que não queremos dizer, tem-nos levado com muita frequência a associar aristocracia com oligarquia, que não é o governo dos melhores mas o de uns poucos (e, segundo seu tradicional sentido, o governo "egoísta" desses poucos), fazendo confrontarem-se democracia e aristocracia, no elevado sentido deste termo.

E como a linguagem nos condiciona e

mesmo nos determina — como diriam os estruturalistas, “eu não sou falado” —, em não poucas consciências *democracias* passou a significar ou a implicar a mediocridade, a mediania (a chamada *mediocracia*), ou diretamente a possibilidade de atingirem o poder os menos aptos, os inferiores, até os incapazes e os piores. Há casos em que já não se trata de aristocracia nem de democracia, mas abertamente de *kakistocracia* (1).

Em nossos dias todos se autodenominam democráticos, quase não havendo quem se diga aristocrático; este termo pode chegar a ser quase um insulto. E isto é muito grave. Porque ao socairo dos termos mal empregados, veio-se perdendo o sentido do melhor, deslocado paulatinamente pelo conformismo ante o medíocre e até, de fato, pela aceitação do pior. E o mais triste é que isto se faça em nome da democracia.

A democracia (preferentemente em seu verdadeiro significado de forma de vida, mas também no sentido de forma de governo) poderá funcionar efetivamente e realizar os elevados propósitos que lhe são atribuídos pelos que nos chamamos democráticos, somente quando não se oponha à aristocracia, mas se complemente e se impregne por ela. Por ser democráticos, haveríamos de não aspirar ao governo dos melhores? Em nome da democracia, haveríamos de aplaudir o governo dos piores?

E percebe-se uma coisa. Que isto de “governo dos piores” não são meras palavras. Há casos na história em que diversas circunstâncias fazem possível a tomada do poder por aqueles que são rigorosamente os piores, tanto por seus turvos antecedentes quanto por sua frágil moral, por sua ausente capacidade e outros rasgos afins.

O ideal aristocrático está presente na melhor tradição ocidental. Já na epopéia homérica o conceito de *areté* (da mesma raiz que *áristos*) é o atributo próprio e indeclinável da nobreza. *Areté* é o valor, o talento, a honra, a virtude, a capacidade, o senhorio. Nos filósofos clássicos e nos tempos médios sempre se afirma a necessidade do “governo dos melhores”, embora jamais tenha sido fácil conseguir a fórmula para realizá-lo. O próprio Rousseau, inteligentemente, assinala como a melhor forma de governo não a *democracia* (que ele entende no sentido de exercício direto do poder pela multidão), mas sim a *aristocracia* eletiva, convencido de que do sufrágio surgiriam os melhores, embora reconhecesse que o procedimento pode falhar. Porém o que nos inte-

ressa destacar aqui é que um homem do século XVIII, um porta-voz da revolução, um antimonarquista e anti-aristocrático (no sentido da aristocracia classista e hereditária) haja insistido no vocábulo *aristocracia* para designar a forma ideal de governo.

Em nosso século temos o caso não já de um pensador mas de um político ativo, que constitui um verdadeiro modelo do que queremos dizer. Trata-se de Winston Churchill, o maior dos democratas e o maior dos aristocratas. Seu sentido democrático foi realmente excepcional. Ninguém defendeu com tanta lucidez e decisão a democracia, como forma de governo e como forma de vida. A ninguém deve tanto a democracia. Teve até o gesto de não aceitar como prêmio (coisa que não fizeram seus colegas, inclusive trabalhistas) um título de nobreza, conformando-se com o de *sir*, porque do contrário não poderia continuar freqüentando a Câmara dos Comuns, seu templo, sua trincheira. Ele era antes de mais nada um *child of the House of Commons*, como tantas vezes se autoqualificava em seus brilhantes discursos. Não obstante, nunca deixou de ser *lord*, que já o era por sua linhagem, um senhor do espírito, em seus gestos, em suas palavras, em seus hábitos e em seu talento, cabal personificação da velha *areté* homérica e cavalheiresca.

Perigosa tendência de nosso tempo de *mediocrizar*, de igualar pelo mais baixo, de afastar os melhores, de aplaudir os piores, de seguir a linha do menor esforço, de substituir a qualidade pela quantidade. A verdadeira democracia nada tem a ver com essas módicas aspirações. Não pode ser processo para baixo, mera gravitação, mas esforço para cima, ideal de perfeição. E isto é válido tanto para a consciência individual quanto para a coletiva, que interagem entre si. Dizia muito bem Platão que “a qualidade da *polis* não depende dos carvalhos nem das rochas, mas sim da condição de cada um dos cidadãos que a integram”.

O cristianismo e o liberalismo, cada um em seu momento, foram grandes promotores sociais, pois quebraram estruturas excessivamente rígidas e fizeram com que os de baixo pudessem chegar em cima. Em tal sentido, foram dois grandes processos democráticos. Mas nenhum de seus teóricos advogou pela mediocridade nem renunciou ao “governo dos melhores”. Só o populismo atual, que não é democrático, e sim totalitário, abjura o ideal aristocrático e entroniza os inferiores. Que lástima!

(1) *Kakistoi*: os piores; quer dizer, então, “governo dos piores”. Achamos que seria ilustrativa a divulgação deste vocábulo, em vista das circunstâncias que atravessamos.

(março/75)

No artigo anterior procuramos reivindicar o termo e o conceito de *aristocracia*, tão menosprezado em nossa época. Ali apresentamos as razões históricas e conceptuais que mostram que a *democracia* — para ser autêntica, e não mera palavra oca ou simples mecanismo eleitoral que proclama o triunfo da metade mais um — longe de opor-se à *aristocracia* devia completar-se e impregnar-se de seu espírito, quer dizer, longe de abjurar do governo dos melhores (*aristocracia*) devia a ele aspirar, sob o risco de deixar de ser *democracia*. Também advertimos que pareceria existir uma tendência geral (de toda ordem, e não apenas em questão de governos) a buscar ou conformar-se com *os piores*. Daí, afirmávamos ainda, resulta que às vezes tem acesso ao poder um conjunto de indivíduos que por seus turvos antecedentes, por sua frágil moral, por sua ausente capacidade e outros rasgos afins, conformam "o governo dos piores", e então se nos ocorreu propor, para denominá-lo, o termo "kakistocracia".

Posteriormente, e não sem satisfação, percebemos que o termo encontrou eco em distintos colaboradores desta página (2) e em outras publicações e meios. Ocorre que as palavras nascem e se impõem quando há coisas a designar. Se o termo em questão provocou eco, foi simplesmente porque se carecia de sua presença. E precisamente por tudo isto desejamos fazer mais algumas considerações a respeito.

Já nos foi dito e temos lido que *kakistocracia* é sinônimo, ou seria o mesmo que *chantocracia*, vocábulo formado não sem certa arbitrariedade a partir de uma expressão da gíria portenha (*chanta*) e de uma desinência grega (*kratia*). Sem tirar toda validade deste termo, devemos assinalar que não existe tal sinonímia, pelo menos com referência ao sentido que quisemos dar a "kakistocracia". O *chanta* é essencialmente um ebaucador, um embusteiro, um maledicente, alguém que fala muito sem dizer nada; a rigor, um trapalhão, conforme designa o dicionário àquele "que não faz o que diz" e "ao que faz mal alguma coisa". O *chanta*, na gíria portenha, designa, pois, um personagem nada recomendável mas não demasiado prejudicial (a não ser por sua ca-

pacidade de confundir as coisas), e em definitivo, diríamos, quase inocente.

Pelo contrário, *kákistos*, em grego, é o superlativo de *kakós*, que significa "mau", e também "sórdido", "sujo", "vil", "incapaz", "perverso", "nocivo", "funesto" e outras coisas semelhantes. Logo, se *kakós* significa mau, *kákistos*, superlativo, significa o pior. Plural de *kákistos* é *kakistoi*, ou seja, *os piores*. Daí que se nos ocorreu *kakistocracia*: governo dos piores.

Parece-nos que surgem claras as diferenças entre o "chanta" e o *kákistos*. Há vários matizes, mas há sobretudo um aspecto moral; o "chanta" pode ser — e frequentemente o é — inocente; o *kákistos*, no sentido empregado, é absolutamente responsável e inculpável. Além disso, é o pior.

O significado profundo e real de *kakistocracia* só se apreende em contraposição com *aristocracia*. Ademais, se se designa ao "governo dos melhores" como *aristocracia*, e inclusive circula outro termo de mais recente gestação — *mediocracia* —, por que não cunhar um vocábulo que designasse não já aos mediocres, mas decididamente aos piores? Ou será que os piores não têm acesso aos governos? Ignoramos que haja alguma lei — escrita pelo menos — que o impeça. E se essa lei existe, já foi, de fato, violada.

Quando um grupo ou um povo cede em seu afã de promover os melhores, entra indefectivelmente em um tobogã, e, passando pelos mediocres, termina com os piores. Não estamos aqui questionando formas de governo ou modos de eleger governantes. Este é outro tema que talvez abordemos em outra oportunidade. Trata-se fundamentalmente de um espírito, de uma inspiração, de uma exigência profunda da consciência individual e coletiva. Trata-se de tender para baixo — mera gravitação — ou de tender para cima — afã de perfeição. Trata-se de exigir e exigir-se menos ou de exigir e exigir-se mais. Trata-se, enfim, de ser rebanho ou de sentir-se e atuar como pessoa humana. Porque a *kakistocracia* não é apenas um atentado contra a ética — já de por si infinitamente grave — mas também contra a estética, uma falta de bom gosto.

Extraído de "La Prensa", Buenos Aires - Argentina

(2) Refere-se a "La Prensa", Buenos Aires, Argentina.

O Reino da Alegria está em Ti

Todos procuramos a felicidade. Por que tão poucos de nós a encontram?

Diz uma cantiga alemã:

Ando sozinho, sempre sonhador.

E meu suspiro pergunta: "Para onde?"

A voz dos espíritos me responde:

"Onde não estás está a felicidade."

Essa cantiga melancólica retrata a atitude da maioria dos homens na sua procura da felicidade: procuram-na onde não está, em bens exteriores, e esquecem de procurá-la onde está: nas suas próprias almas.

Há alguns anos atrás, o cientista Elmer Gates fez experiências sensacionais para pôr em evidência a relação entre nossa felicidade e nossas emoções. Recolhia em tubos o hálito de homens são em diferentes estados psicológicos e tratava-o com iodeto de rodopsina. E eis o que descobriu: se a pessoa cujo hálito foi recolhido achava-se na ocasião num estado sereno, não se verificava no tubo precipitação alguma. Se estava com raiva, havia um precipitado acastanhado. Se estava triste, o precipitado era cinzento. Se sentia remorsos, o precipitado era rosado.

Esses precipitados eram então inoculados em homens e animais, e todos ficavam afetados em diversos graus, dependendo do precipitado usado.

"Minhas experiências provam, concluía o cientista, que os sentimentos negativos produzem no organismo compostos perigosos, alguns dos quais são extremamente tóxicos."

Como um homem rico irá, pois, encontrar a felicidade nas suas riquezas se, ao acumulá-las, deixa a avareza, a ganância, a ansiedade, a desosnesticidade, a cobiça envenenarem-lhe o organismo?

Como um político irá encontrar a felicidade nos seus sucessos se é possuído pelo ódio, o fanatismo, a ambição desmedida, a preocupação de destruir os outros, o medo do futuro?

É célebre o caso de William Pitt, o promotor da coalização contra Napoleão. Quando soube da vitória de Napoleão em Austerlitz, morreu na hora. A raiva o matou.

Felizmente, não morremos todos de raiva como o terrível Pitt. Mas quantos de nós, seja qual for nossa profissão, cultura, renda, posição social, procuramos aumentar nossas posses e nossos sucessos, pensando encontrar neles a felicidade — enquanto deixamos a inveja, o ódio, o medo, a concorrência feroz, o egoísmo e tantos outros sentimentos destruidores fecharem a porta à felicidade.

O Dr. Bouchard cita o caso de deputados, ministros, políticos, que tinham entrado nas assembleias perfeitamente sadios e que, após discussões tempestuosas, apresentavam albumina ou açúcar na urina.

"Ninguém é feliz do exterior se não o for, primeiro do interior", afirma Fulton J. Sheen. Quem pode discordar dele?

Na realidade, os pesquisadores já observaram que, entre os mendigos, existe a mesma proporção de homens felizes e infelizes do que entre os abastados. Mesmo nos hospitais, nas cadeias — quando os sofrimentos e as privações não são aniquilantes — existe a mesma proporção de homens felizes e infelizes do que na vida normal. Onde está o segredo? Na alma de cada um.

Mesmo o amor, a exaltação patriótica, a luta por uma causa, um lucro inesperado, os quais encham o coração de júbilo, têm efeito passageiro se a pessoa não viver num clima habitual de felicidade.

Será possível definir as condições da felicidade e conquistá-la pouco a pouco? Definições das mais penetrantes continuam a ser dadas pelos pensadores desde o tempo de Confúcio. Mas os homens realmente racionais para aproveitá-las têm sido sempre



raros. A maioria dos homens, não tendo encontrado a felicidade onde a procuravam, não se dão conta de que erraram o caminho e passam a acusar o destino, como se a felicidade dependesse simplesmente da sorte e como se a encontrássemos por acaso, sem mérito pessoal, como encontramos um trevo de quatro folhas.

Um sábio oriental comparou a felicidade a um templo sustentado por sete pilares. O templo está dentro de nós, e os pilares são hábitos de pensar e sentir que podemos adquirir. São eles que criam esse clima habitual de felicidade que faz a diferença entre um homem e outro.

Eis como o sábio os definiu:

1. *Conhece-te e aceita-te tal como és*, procurando tirar o máximo dos dons que a natureza depositou em ti. Se nasceste um musgo, não estragues tua vida procurando ser um cedro. Mas sê o melhor musgo que se possa encontrar.

2. *Determina um objetivo para tua existência e põe tuas energias a serviço desses objetivos.* "A maioria dos meus pacientes não padecem de doença alguma, afirma o Dr. Hehmann, mas são vítimas do vazio e da indefinição de suas vidas."

3. *Não te deixe atormentar por receios hipotéticos.* Goza plenamente a hora presente e confia no futuro. Muitos homens vivem temendo desgraças que nunca materializam: acidentes, pobreza, insucessos, doenças, agressões, ou deixam o medo da morte entristecer-lhes os dias (para descobrir, no momento da morte, que ela é tão natural quanto a vida).

4. *A vida é feita de alegrias e de sofrimentos, como o ano é feito de inverno e de primavera, como a terra produz árvores frutíferas e plantas daninhas.* Nenhum ser vivo, desde o vermiculo até o homem, escapa a seu quinhão de sofrimentos. Compreendê-lo, tiramos às derrotas o poder de nos desanimar e sabemos que há sempre novas vitórias à nossa espera.

5. *Vive na expectativa do bem, e o bem virá a ti. Vive na expectativa da desgraça, e a desgraça virá a ti.* Por seus pensamentos predominantes, o homem é o arquiteto de seu destino. Sêneca disse há séculos: "O homem é o que pensa."

6. *A felicidade é feita, numa grande proporção, de serenidade.* E a serenidade nasce da compreensão, da tolerância, da maturidade, da aceitação do que não podemos mudar, da nossa capacidade de resolver os problemas e de harmonizar-nos com os outros e com o universo.

7. *Cultiva a elevação da alma.* Muitas mágoas nossas resultam de nossa própria pequenez quando odiamos, invejamos, cobizamos. A ciência moderna confirma a velha sabedoria da Índia: Sê altruísta, tem amigos, ama os outros, e quem aproveitará será mais tu do que os outros.

Essas verdades foram enunciadas milênios atrás e repetidas por centenas de filósofos dos tempos. E ninguém as renega. Só falta quem as ponha em prática.

Os Quadrados Mágicos

Quem possa, corrija;
Quem saiba, complete;
Todos, porém, dêem gra-
ças ao Senhor.

Os chamados *quadrados mágicos* são conhecidos pelos matemáticos como mera curiosidade. Derivam das originalíssimas combinações de números que, colocados em suas divisões, resultam sempre na mesma cifra quando somados na vertical, na horizontal ou em diagonal.

De acordo com a sua complexidade, são classificados em: *mágicos*, *semi-mágicos* e *quase-mágicos*, ou, respectivamente, *simples*, *diabólicos* e *semi-diabólicos*. Sabendo que são usados desde a mais remota antigüidade (existem autores que lhes remontam a origem há mais de 6.000 anos a.C.), tentaremos demonstrar que seu uso tinha finalidades mágicas, cabalísticas e de nítido caráter gnóstico.

O número de casas de um dos lados do quadrado denomina-se *módulo*, e a soma dos números colocados em cada coluna, linha ou diagonal chama-se *constante* ou *número planetário*.

O número dos elementos dos quadrados mágicos é igual ao módulo elevado ao quadrado e corresponde à seqüência dos números naturais (por exemplo, do 1 ao 9; do 1 ao 16; do 1 ao 25, etc.). Estes módulos (3,4,5,6,7,8 e 9) correspondem aos chamados "planetas astrológicos", que são: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. A cada quadrado mágico corresponde um ou dois signos zodiacais que são lugares de exaltação e queda atribuídos a cada planeta. Além disso, cada quadrado oculta nomes de divindades, sinais criptográficos e figuras enigmáticas, como se pode ver nos exemplares conservados em diferentes museus do mundo.

O simbolismo dos quadrados mágicos não pode ser interpretado unicamente pelo caráter numérico, de vez que existem muitos deles em que os números são substituídos

por letras (sem se levar em conta o valor numérico das letras), ocultando assim um texto que pode ser reconstruído desde que se conheça a ordem numérica; do contrário, permanecerão indecifradas palavras de poder ou nomes invocatórios de divindades.

Atanásio Kircher em sua "*Polygraphia Nova e Universalis*" (Roma, 1.663), nos dá um claro exemplo.

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

ta	p	an	Haec
ra	ma	am	ri
sci	cra	sa	io
dan	si	gra	a

ordenando as letras seguindo os numerais do quadrado, obtemos:

Haec - si - gra - ta - sci - am - ma - io - ra - sa - cra - ri - a - p - an - dan. que significa:

"Se sei estas coisas gratas, farei maiores oferendas".

Este quadrado de 16 casas corresponde a Júpiter e os números que o caracterizam são:

4 = número de divisões de cada lado

16 = número total de divisões

34 = soma dos números de cada linha, coluna ou diagonal

136 = soma de todos os números.

Este quadrado pode ser visto no famoso quadro de Albrecht - Durer, chamado "*Melancholia*". Substituindo cada um desses números por letras hebraicas, com seu valor cabalístico, obtemos por correspondência em nosso alfabeto:

4 = abba

16 = ?

34 = lamed y dalet = estanho

136 = Iohphiel ou Hismael, que são os nomes correspondentes à

"Inteligência" e ao "Demônio" de Júpiter.

Ainda faltaria, porém, encontrar o glifo ou signo de invocação. No quadrado correspondente a Saturno podemos encontrar um

exemplo ilustrativo:

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Aqui os números chaves, segundo o método que utilizamos para Júpiter, são os seguintes:

3 = Ab

9 = Hod

15 = Iah

45 = Agiel ou Zaziel, que são os nomes correspondentes à "Inteligência" e ao "Demônio" de Saturno.

Os glifos são obtidos mediante um traçado em que se segue a ordem dos números dentro do quadrado, tal como podemos ver neste desenho:

Signo ou glifo
de invocação
de Saturno

4	9	2
3	5	7
8	1	6



Adolpho Agrippa dá ainda dois glifos para a "Inteligência" e o "Demônio" de Saturno, os quais por seus diagramas indicam também uma relação numérica:



Inteligência de
Saturno



Demônio de
Saturno

Assim, cada tipo de quadrado mágico tem um glifo e uma palavra de poder para invocar ou canalizar as correspondentes energias planetárias através de seus servidores dévicos. É tanto Agrippa quanto Paracelso e Kircher relembram a importância de que estes quadrados mágicos sejam confeccionados levando-se em conta a relação existente entre o planeta e o metal, escolhendo os dias de exaltação planetária para canalizar o máximo caudal de energia.

A ciência sabe que desde os mais remotos rincões do espaço nos chegam radiações diversas quanto a frequências, longitudes de onda, etc., emitidas pelos astros e regiões desconhecidas. A grande maioria das radiações atravessa as coisas e retorna ao espaço inter-planetário, seguindo seu curso infatigavelmente; algumas dessas emissões, no entanto, são retidas e absorvidas pelos objetos.

Cada metal, referindo-nos a nosso caso, por sua peculiar característica ou disposição atômica, atua como uma rede que "aprisiona" unicamente aquilo que está em relação com essa mesma estrutura atômica. Assim, podemos dizer que cada metal atua como um tamis diferente e possui a energia que retém. As observações sobre o efeito Kirlian demonstram que os seres fotografados têm mais energia quando o planeta regente está exaltado.

Os quadrados mágicos gravados em metal, com seus glifos de poder e palavras sagradas, transformariam ditos metais em verdadeiros talismãs, que atuariam como verdadeiras máquinas montadas para atingir um efeito determinado. Todos os talismãs estudados que não possuem imagens gravadas no reverso do quadrado, são de origem cabalística (facilmente explicável, pois os seguidores da Lei de Moisés não podem representar imagens, para não cair na iconoclastia). Ao contrário, quando têm imagens são reconhecíveis porque apresentam características dos deuses greco-romanos.

Para os gnósticos, a criação de um ícone – imagem – é um ato da mesma ordem da Criação do Universo. Mediante a contemplação das imagens dos deuses chega-se ao germe da representação mental, e dali se volta ao Grande Vazio. Por esta razão, os gravadores de talismãs os imprimiam mediante todo um ritual, que constava de cinco passos fundamentais. Todos os detalhes podem ser encontrados, ainda hoje, em "Os Tratados", obra medieval que fala sobre o uso de imagens culturais, sendo sumamente minuciosa quanto aos atributos, cores, atitudes, etc. Esses cinco passos são:

1. Deve-se animar (dar hálito vital), para que a imagem "viva";

2. Abertura dos "olhos", lugar por onde a imagem gravada emite energias;

3. Submergir a imagem, ou seja, o talismã, em azeites e perfumes sagrados;

4. Dar de "comer" e "beber", para que a alma retida no talismã possa desenvolver-se;

5. Rodeá-la de flores e agitar luzes diante dela.

Vemos assim que, em outras épocas, o homem acreditava, justificava, procurava o contato com outra realidade mais sutil e valorizava esse contato como algo fundamental da existência humana. O que precisamos determinar é se todos esses símbolos, essas imagens, essas crenças perderam o seu valor, ou se foi o homem de hoje que perdeu a capacidade de perceber esse valor. Em nossos tempos, em que a Eucaristia foi reduzida a um simples pedaço de pão, e a filosofia das religiões, a um elegante adorno da educação, carecendo de toda utilidade vital, podemos afirmar que ainda não morreu o instinto sagrado em cada homem e que o estudo sério e profundo dos quadrados mágicos, dos talismãs, da iconografia e do mundo sutil que os contém, pode alimentar esse instinto, robustecendo a ponte que une os anjos e os homens.

Basilio Pawlowicz

Conhecimento e Aprendizado

“Alguém faz nascer uma idéia, um segundo assiste ao seu batismo, um terceiro faz filhos com ela, um quarto visita-a no seu leito de morte e um quinto enterra-a para sempre”. Georg Lichtenberg, escritor e pensador alemão do século XVIII, sabia do que estava falando. Suas observações sobre os mecanismos que regem a mente humana foram reduzidos a uma coletânea de aforismos, mas sua influência chegou até Freud, passando por Nietzsche. Milhares de outros, como ele, descobriram uma espécie de paixão secreta no conhecimento profundo e intuitivo do espírito do homem, pela via acessível da abordagem da própria mente.

Esse desbravamento, que é fonte de imensa energia, não pode ser identificado — e aqueles homens descobriram isso de algum modo — com o aprendizdo comum que leva ao conhecimento de técnicas, processos, desenvolvimentos e sistemas. A construção de uma casa, a confecção de uma roupa, o preparo de uma refeição, exigem abordagens diversas de conhecimentos necessários, adquiridos progressivamente, com o uso adequado do espaço e do tempo, bem como o auxílio da acumulação. A memória é uma alavanca preciosa no cumprimento dessas tarefas essenciais, ajudada pelas habilidades que nascem com o homem e por ele são desenvolvidas em graus variáveis. A aquisição dessas técnicas — como o demonstra Daniel Defoe no *Robinson Crusoe* — é determinada pela necessidade, podendo desenvolver-se em qualquer etapa da vida, até mesmo em circunstâncias descritas como adversas, desde que haja um *drive* para isso. Esse estímulo pode ser um sentido de ordem interior que sobrevém quando se faz contato com aquela outra forma de conhecimento a que se aludiu antes, mas geralmente resulta de necessidade de certeza, de medo ou de tendência a acumular valores, materiais ou intelectuais.

Em que consiste aquele conhecimento que produz energia e não tem qualquer finalidade prática? Toda aproximação discursiva do assunto é inútil e cansativa. A melhor maneira de ver em que consiste essa “descoberta” é caminhar na sua direção de maneira negativa — vendo o que ela não é. Pelo conhecimento das idéias comuns, dos conceitos, das conclusões, pela familiarização com sua genealogia, chegaremos àquela

forma de percepção que se acumula, que não se condiciona nem se deixa aprisionar para fins práticos. A frase de Georg Lichtenberg pode ajudar alguma coisa nessa caminhada, porque através dela vemos um pouco da engrenagem do que pode ser designado como “mente ordinária” — o filtro através do qual pretendemos conhecer o mundo e a nós mesmos.

Uma idéia nasce como resultado de uma experiência. Pouco antes que se cristalice em memória, em conclusão, a experiência é um fato, alguma coisa que simplesmente acontece. É a partir de um julgamento que a experiência se fixa, sendo batizada como boa ou má, agradável ou desagradável. Com o *verdictum*, temos uma opinião firmada e passamos a agir em decorrência dessa opinião. Se a experiência é agradável, registramos essa conclusão e alimentamos a vontade de repetir o prazer proporcionado pelo fato. Se é desagradável, empreendemos um processo — mais ou menos sutil — de fuga ou de esquecimento. Essa é a gestação de uma idéia, tomada a palavra como feixe de conclusões e concepção a respeito de alguma coisa. A idéia é levada conosco, guardada na memória para utilização posterior, para fins de defesa e/ou de auto-afirmação. Essa experiência “capsular” é uma aberração, na medida em que transportamos um *ersatz* do real para usá-lo num momento novo e original — um agora qualquer — como uma espécie de arma. Toda inadequação produz sofrimento, pelas contradições que traz em seu corpo.

A seguir, como lembra Lichtenberg, assistimos ao batismo da idéia que criamos — ou que alguém mais criou, tanto faz. Pensamos através de palavras, num mundo em que todas as coisas têm nome e designação própria. O batismo consiste em identificar a experiência ou a idéia, com uma palavra ou expressão. Esse rótulo não teria importância se não funcionasse depois como um símbolo identificador, capaz de suscitar reações e emoções logo que ouvido ou lido. Assim como o grito “fogo!” pode provocar medo e pânico, os símbolos das idéias desencadeiam disposições, apetites, decisões — ou conduzem a outras idéias já experimentadas e devidamente arquivadas na memória. O material desse imenso arquivo — nisso consiste seu perigo — nunca é reexa-

minado. A simples sugestão para reavaliá-lo produz efeitos como irritação, apatia quase hipnótica, amnésia específica ou enfraquecimento da atenção. O batismo é uma forma de consagração, além de um modo de apropriação. Uma vez designada com um símbolo, estamos em condições de utilizar a idéia à nossa maneira.

Essa matriz produz herdeiros, na forma de adaptações de crenças, modelagens de convicções, fusão de certezas. Esses filhos são também batizados e colocados de maneira tal que possam ser usados pela mente que não sabe viver sem essas armas. Ideologias, dogmas, concepções gerais ou simplesmente milhões de pequenas escoras que sustentam nossa auto-imagem no cotidiano, formam um arsenal que usamos com naturalidade aparente, ao abrigo de toda verdade, inconscientes da armadura em que nos deixamos apertar. Em meio a essa torrente de artificialismo, *temos* mas não *somos*, parecemos vibrantes mas estamos mortos. As idéias e seus rebentos são substitutivos para a vida e para o mundo, povoando nossos sentidos de ilusões de movimento e cor, transmitindo a impressão de que continuamos no tempo, de que somos *alguém*.

Um outro homem – ou um outro momento do mesmo homem – visita a idéia em seu leito de morte, para continuar a analogia de Lichtenberg. Agora ele tornou-se crítico daquilo que já usou muito, e suas esperanças voltam-se para uma concepção que está germinando em algum canto escuro de sua mente. A idéia agonizando ainda é retirada do arsenal para ser brandida contra uma ou outra realidade que possa incomodar, mas não mais acalenta seu usuário, nem explica ou consola da morte, por exemplo. Um dia a idéia (e todas as suas teias), é enterrada sem mais considerações, enquanto uma outra maior – ou mil outras pequenas – reina triunfante. Esse processo inteiro, nascimento, vida e morte, é imperceptível aos nossos olhos porque esses mes-

mos olhos faz parte da montagem. Não podemos ter uma percepção direta e consciente dessa máquina em funcionamento, uma vez que nossa consciência é uma peça na engrenagem. Sair fora é impossível, como se sabe. De que modo, então, ver como funciona tudo isso?

Se conseguimos ver como somos prisioneiros, entendemos o que é a liberdade. Se percebemos o que significa uma idéia, e de que maneira ela substitui a objetividade, sabemos o que é viver sem idéias. Quando consideramos um absurdo viver sem idéias, podemos ver o grande desamparo em que ficamos sem elas, sem esse preenchimento a que nos acostumamos – não somente nós, individualmente, mas nós seres humanos, há dezenas de séculos. Parece que um abismo começa a se abrir aos nossos pés, diante da perspectiva de existir sem conceitos, julgamentos, conclusões, idéias feitas, preferências e aversões previamente conhecidas. A sensação de estranheza a respeito é relativamente comum, mas nós a afastamos depressa e logo nos acomodamos nos lençóis quentes do hábito, na rotina mental. Surgem as explicações, a racionalização a todo vapor, os rótulos tranquilizadores.

A compreensão profunda de alguma coisa pode ser feita “pelo avesso”, isto é, pelo percebimento do que não é essa coisa, pela fuga a ela, pelas falsificações de que é vítima. É vendo o nascimento e a morte de uma idéia que sabemos o que pode ser um certo vazio criativo que é constantemente escondido com as idéias, as palavras, as opiniões – e que não tem nome porque nunca foi batizado, nem pode ser usado para fins práticos. Essa abordagem negativa não é uma experiência que se pode materializar numa idéia, numa teoria, num conceito, embora possa ser difamada já à distância, acusada de mística, subjetiva e confusa. O que é um modo de designar para não conhecer, à maneira do aveztruz que mergulha a cabeça na areia para evitar o leão.

Luiz Carlos Lisboa

THOT
THOT
A opção por
uma revista
cultural



Para receber uma assinatura anual da revista cultural THOT (seis números), envie o cupom abaixo preenchido (em letra de forma), anexo a um cheque nominal, no valor de Cr\$ 720,00 para—:

Associação Palas Athena do Brasil
Rua Leôncio de Carvalho, 99 – CEP: 04003 – Paraíso-SP

Nome _____

Rua _____ nº _____ apt. _____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____ Fone _____

Profissão _____ Data _____

a partir do nº _____ (inclusive)

Assinatura _____

CORTE O PREÇO DE ISTOÉ PARA 110 CRUZEIROS.

ISTOÉ

IPM

16 DE SETEMBRO DE 1981 N. 247 Cr\$ 200,00

Assine ISTOÉ por dois anos agora. Você paga apenas Cr\$ 11.400,00, o que representa menos de 110 cruzeiros por exemplar. E ainda ganha cinco semanas a mais, grátis, como oferta especial.

Assinando ISTOÉ por um ano, você também tem muitas outras vantagens. Porque paga apenas Cr\$ 6.800,00, o que representa 131 cruzeiros por semana. E ganha três semanas a mais, grátis.

Mas o melhor de tudo é a garantia de preço. Assinando agora, você garante o preço reduzido de sua ISTOÉ por todo o período da assinatura, ganhando longe da inflação por um ou até dois anos.

Por isso, não perca tempo. Recorte o cupom e envie-o ainda hoje para assinar sua ISTOÉ.

Se preferir, escreva diretamente para: Caminho Editorial, R. da Consolação, 293, 8º andar, CEP 01301, São Paulo, SP.

ISTOÉ

A Caminho Editorial Ltda.
Rua da Consolação, 293 - 8º
CEP 01301 - São Paulo - SP

Telefones do Serviço de Assinantes: (011) 231-5953 e 258-6699

Quero assinar ISTOÉ por dois anos (com cinco semanas a mais, grátis)

- Cr\$ 11.400,00 à vista
- 4 parcelas consecutivas de Cr\$ 3.350,00
- Debitem à vista ao meu Credicard nº _____

Quero assinar ISTOÉ por um ano (com três semanas a mais, grátis)

- Cr\$ 6.800,00 à vista
- 3 pagamentos consecutivos de Cr\$ 2.450,00
- Debitem à vista ao meu Credicard nº _____

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Tel.: _____ Data: // /

Assinatura: _____
(igual à do cartão)

Não mande dinheiro agora.

THOT

A História: Política Experimental

A Política é como a Física. Não há senão uma boa: a experimental.

“La Politique est comme la Physique, il n’y en a qu’une de bonne: l’experimentale.” A afirmação é de Joseph De Maistre. Mas, poder-se-ia perguntar, onde está o campo de experiência da Política? Responde-nos o mesmo autor: “L’Histoire est la politique experimentale” (1), a História é a política experimental.

Vale dizer: não há instituições políticas que correspondam aos anseios dos povos que vivem sob sua tutela senão as consagradas pela História; o contrário também é verdade: as instituições que colidem com as legítimas aspirações nacionais mostram, historicamente, os frutos nefastos que nenhuma argúcia de argumentação conseguirá ocultar.

O que hoje nos parece o óbvio não era tão evidente aos teóricos da Política no final do século XVIII. Como se sabe, este foi caracterizado como o século do racionalismo e do abstracionismo em matéria filosófica que, de Descartes a Condorcet e Rousseau, construíram uma concepção do homem em abstrato, vivendo em uma sociedade também concebida em abstrato, que resultou na teoria do “contrato social”, dos direitos do Homem e do Cidadão”, pilares da Revolução Francesa de 1789 que destruiu a organicidade do Antigo Regime, baseada na pujança dos corpos intermediários, substituindo-a pela ficção da “soberania popular” e pelo exagero da representação exclusivamente partidária.(2)

Decorridos quase duzentos anos de experiência democrática somente partidária, o desencanto é geral e dá novas potencialidades às posições extremistas, totalitárias, anti-democráticas, terminando por extinguir os próprios partidos.

O ilogismo de um “povo soberano de si mesmo”, de uma “vontade geral” que é simplesmente a vontade de uma minoria imposta habilmente a uma massa de manobra política, que hoje não dá quem desconheça, foi com visão de águia detectado por Joseph De Maistre já no início do século XIX. Contemporaneamente, a partir do criticismo Kantiano, com Fichte, Schelling e Savigny, nos Estados Alemães, desenvolvia-se a Teoria do “Volksgeist”, “Espírito do Povo”, isto é, a teoria do Direito e do Estado com base nas aspirações e na psicologia do povo: “As manifestações do Direito não têm existência isolada: são apenas forças e atividades particulares de um mesmo povo, inseparavelmente unidas por natureza e que só à nossa reflexão aparecem como isoladas. O que as constitui num todo é a convicção geral do povo, o sentimento de sua necessidade interna e que exclui toda idéia de ori-

gem casual e arbitrária”. (3) E tal “Espírito do Povo” se manifestava sobretudo através de sua arte popular, de sua religiosidade, de seus usos, costumes e tradições que deveriam se espelhar no sistema legal, para que não se produzisse a dicotomia entre o “país real” e o “país legal”.

Tratava-se, evidentemente, de uma reação ao pretenso universalismo das idéias de 1789. Ironicamente dizia De Maistre: “Il n’y a point d’homme dans le monde. J’ai vu des Français, des Italiens, des Russes etc. Je sais même, grâce a Montesquieu, qu’on peut être Persan. Mais, quant à l’homme je déclare de ne l’avoir recontre de ma vie. S’il existe, c’est bien a mon insu.” (4) * (Não há Homem no mundo. Vi franceses, italianos, russos, etc. Sei mesmo, graças a Montesquieu, que existiu Persas. Mas quanto ao homem declaro nunca tê-lo encontrado em minha vida. Se ele existe, é sem que eu saiba). Realmente o “homem” sem características nacionais, regionais próprias não existe. É fruto de uma abstração. O que existe é o homem “in concreto”, com sua língua, sua nacionalidade, sua tradição cultural própria. Pois bem, em nome de pretensas “características” do “Homem” se sacrificaram as reais e evidentes características dos povos e das nações, rumo à sociedade padronizada e massificada em que vivemos cada dia mais imersos.

É lógico que as características nacionais sendo preteridas, não tinham sentido algum os grupos sociais. O “Homem” abstrato é o indivíduo, isolado, que não se liga a outros indivíduos organicamente, apenas se justapõe mecanicamente. Substituiu-se uma sociedade de povos diferenciados com vida própria por uma multidão amorfa ou massa, como já constatava Pio XII, no crepúsculo da Igreja Romana pré-conciliar.(5)

No Brasil, o grande representante da Escola Histórica do Direito foi, em pleno século dezenove, José de Alencar, o célebre romancista da nacionalidade, já que estreitos são os laços entre Romantismo literário e Historicismo Jurídico-Político. Em Portugal, talvez, seu maior expoente foi Alexandre Herculano, nos “*Portugalia e Monumenta Historica*”. Na Itália, seu intérprete foi Alessandro Manzoni, na luta pela unificação da península. Na Espanha, não há que falar em nomes, mas em todo um movimento de idéias, o “Carlismo”.

Hoje estas teses antigas são retomadas pela moderna Antropologia, desde um Lévi-Strauss e um Herskovitz, até as posições dos “Novos Filósofos” como Glucksmann, Hannah Arendt ou Alain de Benoist. (6). E dentro da própria pesquisa histórica, o sentido de “atualidade” da História, vem sendo difundido por um Lucien Febvre, um

Marc Bloch e Fernand Braudel sempre mostraram a correlação entre a História e as outras ciências do homem, com grande repercussão na Faculdade de História da Universidade de São Paulo.(7)

Respostas a algumas objeções:

I) A Escola Histórica não leva, inevitavelmente, a um retorno a uma estrutura social medieval? Não foi esta uma era de conformismo?

II) O tradicionalismo inerente aos autores historicistas não leva a uma idéia de retornos, que não existem na História?

III) Nada houve de benéfico no Século XVIII? E as conquistas do homem e do cidadão são tão desprezíveis?

Respondemos dizendo:

I) A esta objeção se responde facilmente: a) a Escola Histórica, embora tendo afinidades com o Romantismo literário, embora reconhecendo na época medieval valores perdidos pelo século atual (como a fé, o espírito de confraria e comunidade profissional, o cavalheirismo, a fidelidade à palavra dada, o convívio com a natureza) não foi uma apologia da estrutura medieval, pois o historicismo é exatamente o contrário da fixação de formas definitivas, o que foi mais próprio do século XVIII, ao tentar criar modelos eternos de comportamento, de legislação, perdendo o senso histórico; b) sobre a Idade Média, desde o final do século passado, historiadores como Funck-Brentano, Leopold Génicot, Régine Pernoud, Marc Bloch desfizeram com pesquisas sérias a famosa "legenda negra" dos mille ans, pas un bain", criada muito a propósito pelos detentores do poder e do ensino depois da Revolução burguesa de 89. Além disso, homens do século XX, nós só entenderemos o espírito da época medieval (como de qualquer que pensemos estudar), se renunciarmos a uma visão evolucionista dogmática e procurarmos entender "história da mentalidade" (expressão forjada por Lucien Febvre) do homem do século XII, XIII. A satisfação com a própria situação, a honra de pertencer a uma estirpe de fabricantes de vinho, ou de violino, por exemplo, se perdeu inteiramente numa sociedade competitiva da igualdade formal e desigualdade real.(8)

II) Quanto à segunda objeção, não procede, pois, se quisermos ver no tradicionalismo da Escola Histórica de De Maistre e Savigny apenas um retorno de fórmulas arcaicas, deturpamos o sentido de "tradição", que, como o demonstra a origem latina, longe de ser mero fixismo mumificado de museu, denota idéia de transmissão ("tradere") de valores de geração em geração. Mas se algo deve se compreender, ainda que com sentido preciso, como um "retorno", só nos parece válido em termos de valores que independem de época. O cavalheirismo e a fé viva do homem medieval não são incompatíveis com o foguete inter-planetário,

nem com o computador. Por outro lado, a técnica divorciada de tais valores (entre tantos outros da Cristandade medieval) produz antes instrumentos de aniquilamento e aviltamento do ser humano, como tristemente se vê nas guerras modernas que se travam em função muitas vezes de ideologias que pretendem tomar o lugar da fé católica, com seus dogmas indiscutíveis, seus pontífices e até requinte de caricatura — seus "santos" cujas imagens se veneram em atos "litúrgicos" de massa. (9)

III) Quanto à derradeira objeção, respondemos que o século XVIII, benéfico por suas conquistas no campo científico experimental das ciências exatas, não teve a mesma metodologia nas ciências humanas: foi o século das grandes concepções teóricas de um Rousseau, dos sarcasmos demolidores de um Voltaire, destoando apenas o bom senso de um Montesquieu, um verdadeiro precursor da Escola Histórica em seu *Espírito das Leis*. Quanto às declarações de direitos, pecaram por considerar apenas o ser humano isolado, por desconhecer, que não há cidadão sem a Cidade, e que os interesses da comunidade devem levar muitos ao sacrifício das satisfações individuais. O bem comum passa a ser letra morta, substituído pela "volonté générale" de uma minoria, caindo-se no voluntarismo jurídico, no centralismo estatal, sacrificando-se os Direitos dos Grupos: os Direitos da Família, do Município, da Universidade, da Corporação. Algo se conquistou, mas o preço pago foi muito alto, tão elevado que deu ensejo ao exagero oposto: o aniquilamento do indivíduo (antes protegido pelos corpos intermediários) nos sistemas totalitários, governados por tecnocratas. Nada há de mais oposto à idéia de democracia.(10)

Notas: (1) *Essai sur le Principe Générateur des Constitutions Politiques*. E. Vitte, Lyon, 1924, pag. 6 2ª ed. (2) J.P. Galvão de Sousa *Iniciação à Teoria do Estado*. Rev. dos Trib. S.Paulo, 1976, p. 82-90.

(3) Alexandre Correia — *Concepção Histórica do Direito e do Estado*. Separata da Revista da PUC de S. Paulo, Vol. 37, Fasc. 71-72, 1970.

(4) J. De Maistre — *Considérations sur la France*. E. Vitte, Lyon, 1924, pag. 74. (5) *Radiomensagem de Natal de 1944*. Atti e Discorsi di Pio XII, vol. VI. Ed. Paoline, Roma, 1944, pag. 168. (6) Sobre José de Alencar vide o artigo de Salviano Santiago "Liderança e Hierarquia em Alencar" in *Suplemento Cultural do Estado de S. Paulo*, de 18/12/77. Sobre Herculano vide o art. de Gama Caeiro "Romântico ou Liberal" in *Supl. Cult. do Est. de S. Paulo*, de 18/9/77. A respeito da Escola Histórica na Itália, leia-se nosso art. "Contardo Ferrini" in *Hora Presente*, Ano VII, n.º 19. S. Paulo, 1975, pag. 879-88 bem como o volume *Alessandro Manzoni: Vida e Obra*, publicado pelo MEC, em 1974. O Carlismo teve seu grande divulgador moderno no saudoso Prof. Francisco Elias de Tejada. Podem-se consultar as *Atas das Primeiras Jornadas Brasileiras de Direito Natural: O Estado de Direito*. Conf. "El Estado de Derecho en el Pensamiento Germánico y en la Tradición de las Espanas. Ed. Rev. dos Tribunais, São Paulo, 1980, pag. 177-192. Quanto à retomada da visão histórica na Política, em geral, por parte de autores não tradicionalistas, consulte-se: "Um Mundo que Respeite a Vida" entr. de Claude Lévi-Strauss, publ. na revista *Visão de S/S/1980*, Hannah Arendt — *Entre os Passado e o Futuro*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972, 2ª ed. pag. 43 e segs. pag. 69 e segs. e de certo modo todo o livro. Sobre os novos filósofos leia-se com proveito o artigo de Alain de Benoist "La Nouvelle Vague des Vieux Reacs" in *Figaro Magazine*, Paris, Dezembro de 1980, pag. 82-83. (7) Fernand Braudel — "L'Historie et les Autres Sciences de l'Homme" in *Écrits sur l'Histoire*. Flammarion, Paris, 1969, pag. 39-235. V. Tb. "Historie et Temps Present" *ibid.* pag. 239-314. (estes artigos acham-se publicados tb. na *Revista de História*, da FFLCH da USP). (8) V. a respeito nosso artigo "A Crise da Civilização Ocidental" in *Thot*, n.º 21. S. Paulo, 1980, pag. 33-41. (9) V. sobre o tradicionalismo nosso estudo *Joseph De Maistre e a Tradição* in *Hora Presente* n.º 15, Ano VI, 1974, pag. 175 a 184. (10) A respeito consulte-se José Pedro Galvão de Souza — *Direito Natural, Direito Positivo e Estado de Direito*. Ed. Rev. dos Tribunais, S. Paulo, 1977, pag. 116 e segs. e pag. 143 e seg. Para uma noção mais clara do processo histórico que conduziu da sociedade orgânica Antiga e Medieval à sociedade mecânica (na terminologia de Weber), veja-se nosso estudo no livro *Dinâmica da História*. Editora Palas Athena, São Paulo, 1981, onde os fatos históricos são analisados de modo circunstanciado, para demonstrar nossa tese.

Claudio De Cicco

Palestra realizada na Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" campus de Franca, convite do Instituto de História e Serviço Social em 18/5/81.

PÁGINA DOS LEITORES

Senhor Editor:

No artigo "Os Perigos do Século XXI" (THOT nº 22/80) afirma-se, com referência à Torre de Babel, que "os humanos construíram uma torre mais alta que a mais gigantesca das construções, mediante a qual se chega a ofender a Deus, a opor-se à natureza..." Indagamos: como poderia isto constituir uma ofensa, se a aspiração básica e primária do ser humano é exatamente elevar-se o mais possível, até atingir a própria divindade? Como poderia constituir uma oposição à natureza, se isto representa a essência mesma da natureza humana?

L.C.S. — São Paulo, SP.

THOT: De certo modo o leitor tem razão, e estão bem fundamentadas as suas indagações sobre a natureza ascensional humana: o homem tem, não apenas a possibilidade, mas a necessidade de transformar em ato a potência divina que em si reside. Deve-se levar em consideração, no entanto, que o autor está a fazer referência a um relato mitológico, o qual se baseia numa concepção religiosa em que o homem se encontra em estado de submissão a um Deus personal, irascível e "justiceiro". Como todo mito, isto representa um conjunto psicológico de experiências ocorridas em determinadas fases da evolução da humanidade. Em estágios mais avançados, o homem chega a compreender a sua essência divina, como historicamente se pode ver, por exemplo, no hinduísmo e no cristianismo: no primeiro, afirma-se que "Tu és Aquilo"; no segundo, "O Reino de Deus está em vós".

Prezado Senhor:

Tive o prazer de ler na revista THOT nº 23 o artigo "De Alaúdes e Vihuelas", e gostaria de aprofundar-me no assunto, não apenas no que se refere aos instrumentos citados mas também a outros instrumentos antigos e aos autores mencionados no artigo.
E.C.R. — Belo Horizonte, MG.

THOT: a autora do artigo mencionado, profª Alba Lijó, que poderia fornecer as informações e referências bibliográficas pertinentes, encontra-se atualmente fora do país. Quando de seu regresso, encaminhar-lhe-emos sua carta para que possa responder. De nossa parte, teremos o máximo prazer em enviar cópias de material relativo ao tema tão logo chege às mãos.

Prezados Senhores:

Solicito uma assinatura anual de Thot e aproveito a oportunidade para cumprimentá-los pelo excelente trabalho que vêm desenvolvendo e pela lata qualidade da revista que publicam.

Gostaria também de receber informações acerca desta Associação, tais como: a que se propõe, suas atividades, etc.

K.P.V. — Araxá, MG.

THOT: a antiga Associação Nova Acrópole, atualmente Associação Palas Athena, é uma instituição filantrópica e cultural, sem finalidades lucrativas, que se dedica basicamente à educação, sempre com o objetivo de promover aprimoramento cultural e espiritual do ser humano.

Entre as atividades da instituição destaca-se a construção e manutenção um educandário para órfãos, no município paulista de Monteiro Lobato, já em fase de funcionamento parcial; além disso, promovemos regularmente concertos musicais, exposições de arte, filmes educativos, conferências e cursos de filosofia, em que se faz um estudo comparativo entre diversas linhas de pensamento do Oriente e do Ocidente, sob os pontos de vista da Ética, da Sociopolítica e da Filosofia da História.

Para maiores detalhes, sugerimos entrar em contato com a filial em Belo Horizonte, à rua Joaquim Murinho, 179 — Bairro Santo Antonio.

Prezados Senhores:

No artigo "A Roda da Vida" (Thot nº 23, p. 28), com referências à questão da insubstancialidade do eu, parece-nos não estar clara a exposição do assunto. Se "não há corpo, ou sensação, ou percepção, ou fenômeno mental, ou consciência que seja permanente, fixa, duradoura, não sujeita à lei de decomposição", restará sempre sem resposta a indagação sobre "quem renasce?", "quem fica perambulando pelo samsara?"

Ainda mais: se a proposição básica do budismo é o evadir-se do ciclo de renascimentos e mortes, do mundo cambiante do samsara para a imutabilidade absoluta do nirvana, perguntamos "quem toma a decisão ou tem a intenção de evadir-se de um para o outro plano?"; "a quem cabe agir de modo a permitir essa evasão?". A teoria da *originação condicionada* parece não elucidar essas questões, e, afinal, como podemos compreender uma ação sem um sujeito? L.T.S., São Paulo, Capital.

THOT: Este assunto tem realmente provocado controvérsias já há séculos, e reconhecemos não serem poucos os que se debatem em dúvidas como as aqui apresentadas.

A tradição bramânica aporia-nos um conceito cuja análise deve ser interessante para a compreensão do problema: o conceito de inação. Pois o cerne da questão talvez não seja encontrar um sujeito responsável pela ação, mas exatamente encontrar a ação sem o sujeito. Para bramanismo a inação não significa ausência de ação como poderia parecer, mas sim a não-identificação do agente com a ação, ou seja, ação desinteressada, ação em que não se anseia pelo sucesso nem se receia pelo fracasso. Simplesmente age-se, pelo reto cumprimento do dever, e essa ação desprendida é a que permite "livrar-nos da cadeia das ações e do ciclo de renascimentos e mortes". Isto deixa transparecer que o verdadeiro responsável por todas as ações é algo que transcende absolutamente o homem, e o que ocorre é a formação de um "agregado" que tem a ilusão de agir.

Senhor Redator:

Apreciei muito as palavras de abertura do nº 23, escritas por Basílio Pawlowicz. Sou uma cética em profundidade. Entretanto, mais que o Sr. Pawlowicz não vejo motivo de crença em coisas geralmente aceitas como benfezas, como a Ciência, a Moral e o valor da família como traço aglutinante. (...) Z.R.M.L., Belo Horizonte, MG.

THOT: Embora respeitando o ponto de vista da leitora, não podemos com ele concordar. Reconhecemos em nossa sociedade uma completa derrubada de valores e uma grosseira desvirtuação de atividades essenciais do ser humano. Isto, porém, em vez de nos provocar ceticismo, induz-nos à reflexão e nos faz concluir que a preservação, ou, melhor dizendo, a revitalização desses valores constitui a única saída para a crise que nos acomete a todos. E acreditamos que, para se construir esse caminho de saída, faz-se necessária conjugação de todos os esforços para fazer voltar à sua pureza cada parcela da atividade humana: arte, ciência, filosofia, religião, política, educação, etc.

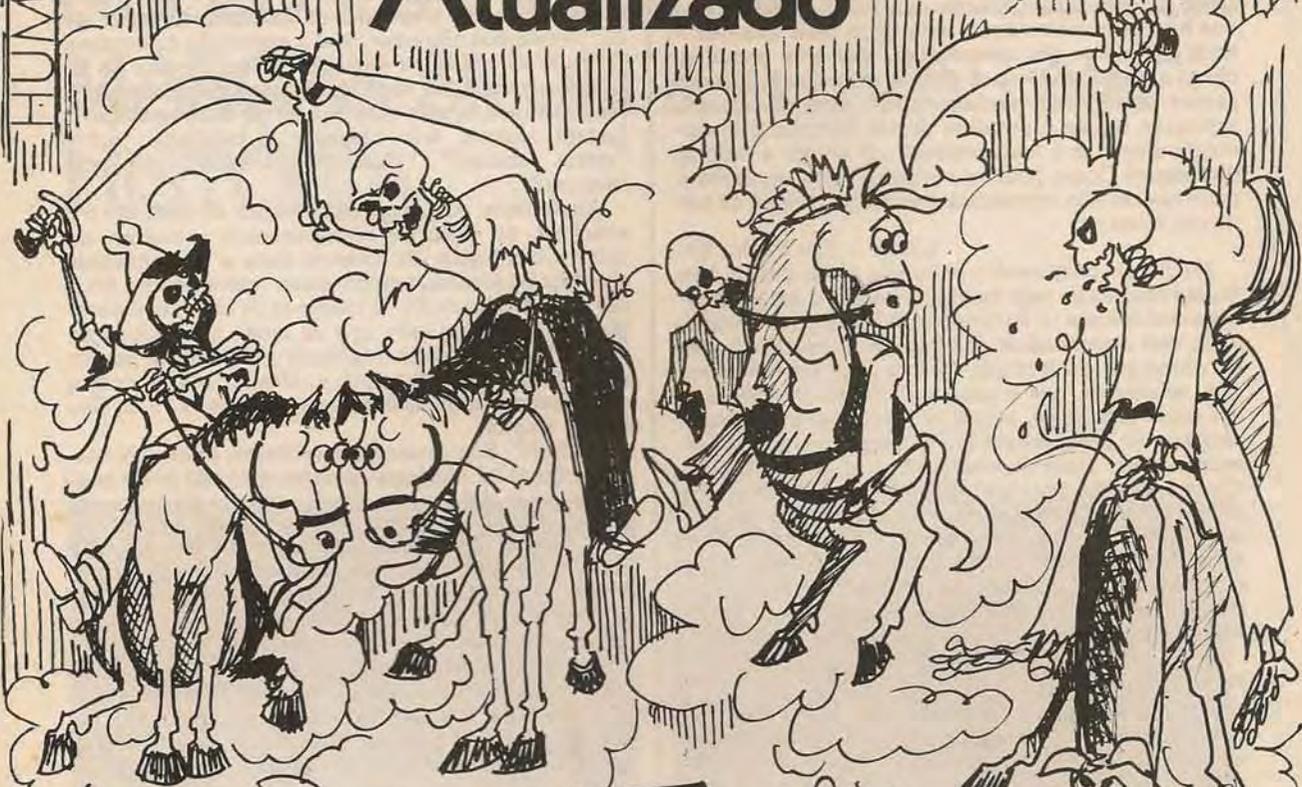
O que não se pode é deixar de acreditar. E, aos que acreditam, impõe-se o dever moral de trabalhar, de fazer alguma coisa por aquilo em que acreditam.

Nota: As cartas devem ser enviadas para o Setor de Correspondência, à rua Barão de Mesquita, 712-A — CEP 20.540 — Rio de Janeiro — RJ. Todas serão respondidas, através desta Página dos Leitores ou pelo correio.

Os Ginetes do Apocalipse

Atualizado

HUMOR



~~ARTE~~ Religião Filosofia Ciência



ISMOS

Teologia da Libertação

Materialismo Pessimismo

Poluição - TV - DDT - Ar Condicionado - Bomba Atômica

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

CURSO LIVRE

**INTRODUÇÃO AO
PENSAMENTO
FILOSÓFICO**



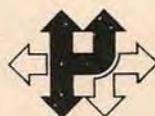
*INDEPENDENTEMENTE DO QUE ÉS, O QUE IMPORTA É O QUE
VOCÊ ASPIRA SER. GALGUE OS DEGRAUS DA FILOSOFIA CLÁS-
SICA NUMA VISÃO ATUAL.*

- * **ÉTICA:** introdução aos ensinamentos morais do Oriente e Ocidente – Bhagavad Gita, Dhammapada, Voz do Silêncio – Aristóteles, Plotino, Kant, Bertrand Russell e a Ética do Nazareno Jesus Cristo.
- * **FILOSOFIA DA HISTÓRIA:** introdução ao estudo dos aspectos da história, os ciclos, os ritmos, numa dinâmica de interpretação do papel do homem a seu tempo-consciência.
- * **SOCIOPOLÍTICA:** análise do indivíduo, da sociedade e do Estado na visão clássica e moderna que permite compreender a sociedade humana e a responsabilidade individual na construção da polis.

*INÍCIO TODOS OS MESES * DURAÇÃO: 22 AULAS * FREQUÊNCIA: UMA
VEZ POR SEMANA * IDADE MÍNIMA: 18 ANOS * MAIORES INFORMA-
ÇÕES, EM NOSSAS SEDES.*



Só não reproduzimos o aroma.



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMPERATRIZ LEOPOLDINA, 1430
FONES: 831-9327/261-7118 - V. HAMBURGUESA | LAPA | SÃO PAULO